Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 8.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 690 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

EMMANUEL DUNAND / AFP

ELEIÇÕES EM FRANÇA
Esquerda quer governar e extrema-direita denuncia "aliança de desonra"

PÁGS. 4-5

JEAN-DAVID ZEITOUN

MÉDICO

"O nosso modo de vida está a matar-nos"

PÁGS. 10-11

JOHN GHAZVINIAN

HISTORIADOR

"Os EUA tinham uma reputação muito positiva no Irão. Eram vistos como uma potência neutra em que se podia confiar"

PÁGS. 14-15

CONVENÇÃO
IL põe diferenças de parte, aprova novo programa e olha para o futuro

PÁG. 6

AS 100 MARCAS PORTUGUESAS MAIS VALIOSAS VALEM 20,3 MIL MILHÕES DE EUROS

ESTUDO

A EDP é a mais valiosa, pelo sexto ano consecutivo; a Galp foi a que mais valorizou em termos absolutos. Dados são do estudo anual da Onstrategy.

PÁG. 13

RUI VIEIRA NERY escreve sobre Amália na América
Uma portugalidade universal

PÁG. 26

ARTE Sintra terá coleção de porcelana de brasileiro com mais de 2000 peças PÁGS. 22-23

Editorial

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

De novo “uma espetacular missa pela democracia”?

Escreveu, aqui no DN, Eduardo Lourenço a 6 de maio de 2002, no dia a seguir à segunda volta das Presidenciais francesas, em que a Frente Republicana ofereceu uma vitória esmagadora a Jacques Chirac sobre Jean-Marie Le Pen, o seguinte: “A França, como História e como cultura, deve ser o único país do mundo em que se vive – e é percebido pelos outros – sob um modo intrinsecamente *estético*. Ao que ela é realmente, à sociedade efetiva desta França nos alvores do século XXI, próspera, bem administrada, socialmente equilibrada, terra de acolhimento dos que a buscam como se fosse uma outra América que sabe não poder ser, ela prefere, periodicamente, a ficção. Quer dizer, a ideia platónica de si mesma que há mais de dois séculos a instalou no dever de utopia, não apenas política, mas ideológica e cultural, como pátria da Revolução.”

O ensaísta português, homem com longa vivência em França, continuava o artigo falando das “extraordinárias manifestações anti-Le Pen”, da “espetacular missa pela democracia” e o desejo da sociedade francesa de “restaurar na urgência a túnica sem mácula da Democracia tal como miticamente a cultiva”.

A citação de abertura oferece-nos uma certa ideia de França que existia em 2002 e creio que continua a existir em 2024. Mas as outras três passagens de Eduardo Lourenço que escolhi, apesar de se aplicarem bastante bem ao que sucedeu neste domingo na segunda volta das Legislativas francesas, devem fazer-nos pensar sobre o que aconteceu desde então no país.

Em 2002, a passagem de Le Pen pai à segunda volta foi um acidente de percurso para a democracia francesa, fruto mais da divisão no campo da esquerda, do que da real força da extrema-direita, então chamada Front National (valia menos de 20% dos votos). Houve, na época, um tremendo sobressalto republicano no final da primeira volta, que fez comunistas, socialistas, ecologistas e outros tais votarem no candidato da direita sem hesitação. E assim, no dia a seguir à reeleição de Chirac, França, e também o resto da Europa, respirou de alívio, com a convicção de que teria sido um episódio bizarro, dificilmente repetível. Estava repudiado “o ideário visceralmente antidemocrático de Le Pen”, segundo Eduardo Lourenço.

Agora, em 2024, também muita gente respirou de alívio. Como respiraram de alívio quando Marine Le Pen, a filha de Jean-Marie, perdeu na segunda volta das Presidenciais de 2017 e de 2022, em ambas com resultados bem superiores ao do pai.

Nestas Legislativas, convocadas de emergência pelo presidente Emmanuel Macron depois do triunfo do Rassemblement National, novo nome da extrema-direita francesa, nas recentes Eleições Europeias, a vitória do partido de Marine e da aposta Jordan Bardella era dada como certa, só havendo a dúvida se alcançaria ou não a maioria absoluta. Não aconteceu, nem a vitória, nem muito menos a maioria absoluta, que lhes daria um primeiro-ministro, Bardella, a coabitar com Macron até 2027. E não aconteceu por ter havido um novo sobressalto republicano, a criação de nova Frente Republicana com desistências de candidatos de esquerda, de centro e de direita em círculos eleitorais onde, não indo três a votos, era possível travar a extrema-direita; e igualmente graças a uma participação eleitoral como não se via há décadas.

Mas se Eduardo Lourenço, em 2002, não se poupava nas críticas à esquerda por ter, com as suas contradições e divisões, permitido o êxito de Le Pen pai na primeira volta, agora é evidente que por trás dos resultados que permitem à esquerda celebrar, aos centristas de Macron respirar de alívio e aos sobreviventes da direita clássica aguentarem-se, o Rassemblement National surge como a força mais poderosa, consegue atrair cerca de um terço dos eleitores, e regista um ganho substancial no número de deputados em relação às anteriores Legislativas. Por comparação, só a extrema-esquerda, a France Insoumise de Jean-Luc Mélenchon, demonstra verdadeira vitalidade, sendo que algumas das suas ideias assustam até mesmo outros setores da esquerda. Esquerda (leia-se PS), centro (leia-se o bloco macronista), direita (leia-se Les Républicains, que não se aliaram à extrema-direita), terão de se reinventar se quiserem sobreviver e ter alguma influência no futuro de França.

Para já, o primeiro desafio será encontrar uma maioria governamental, dado existirem três grandes blocos na Assembleia Nacional. Depois, o desafio maior será perceber as razões de a extrema-direita ganhar terreno a cada eleição desde pelo menos há uma década. Só a normalização levada a cabo por Marine (rejeitando uma parte do ideário do pai) não explica tudo. Se tantos eleitores votam no Rassemblement National, é preciso perceber o que atrai no discurso extremista e o que está a falhar na democracia francesa, da economia à segurança. As Presidenciais, que no sistema francês são as mais importantes das eleições, acontecem daqui a três anos. Marine continua a acreditar que o Palácio do Eliseu está ao seu alcance.

OS NÚMEROS DO DIA

97,89%

APROVARAM PROGRAMA DA IL
O novo programa político da Iniciativa Liberal foi ontem aprovado quase por unanimidade na sua *VIII Convenção Nacional*, um documento alterado pela primeira vez desde a fundação do partido.

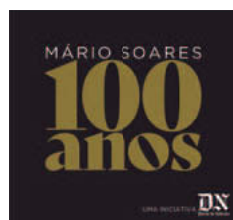
13

DRONES
Shahed lançados pela Rússia foram abatidos pelas forças de defesa aérea ucranianas na madrugada de ontem, informou o comandante da Força Aérea ucraniana, tenente-general Mikola Oleshchuk, acrescentando que as Forças Armadas russas ainda lançaram dois mísseis balísticos *Iskander-M* contra o país.

104.ª

VITÓRIA DA CARREIRA
em Fórmula 1 foi ontem conquistada pelo piloto Lewis Hamilton, ao vencer o Grande Prémio da Grã-Bretanha, em Silverstone, a 12.ª prova da temporada. O piloto da Mercedes vencera pela última vez na Arábia Saudita, a 5 de dezembro de 2021.

20

MIL MILHÕES
As entidades que compõem o Banco Mundial começaram esta semana a utilizar uma plataforma única para emissão de garantias aos investidores, pretendendo duplicar para 20 mil milhões de dólares por ano até final da década.

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PUBLICIDADE

FRANÇA

Esquerda quer governar e extrema-direita denuncia "aliança de desonra"

ELEIÇÕES Primeiro-ministro apresenta hoje a demissão a Macron, que não reagiu às projeções que deram a vitória à Nova Frente Popular, diante do Ensemble e do Reunião Nacional. Mélenchon diz que a "vitória do povo deve ser estritamente respeitada", quando à direita se fazem contas para impedir que a França Insubmissa chegue ao poder.

EMMANUEL DUNAND / AFP

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

A "frente republicana" funcionou melhor do que o previsto nas sondagens, com as projeções à boca das urnas a darem ontem a vitória nas Legislativas à aliança de esquerda Nova Frente Popular (NFP), diante do campo do presidente Emmanuel Macron. A extrema-direita do Reunião Nacional (RN), que tinha ganhado a primeira volta com um resultado que a deixava próximo de uma possível maioria absoluta, ficou em terceiro lugar. Jean-Luc Mélenchon reivindicou a vitória e exige a Macron que deixe governar a NFP, enquanto Jordan Bardella, do RN, denunciou uma "aliança de desonra" da esquerda com o centro que "lança a França nos braços da extrema-esquerda".

As estimativas com base nas sondagens à boca das urnas e nos primeiros resultados projetavam, às 21.30, entre 177 e 192 deputados para a NFP, que inclui a esquerda radical de França Insubmissa (LFI) de Mélenchon, longe da maioria absoluta de 289 na Assembleia Nacional. Em segundo lugar surgia o Ensemble, o campo de Macron, que podia ter de 152 a 158 representantes. O RN e os aliados não iam além dos 138 a 145 deputados, enquanto Os Republicanos surgiam com 63 a 67, havendo ainda mais de três dezenas de lugares para outros partidos.

O primeiro a reagir às projeções foi o ex-líder e candidato presidencial da LFI. "Tivemos um resultado que nos diziam ser impossível", congratulou-se Mélenchon, lembrando que o RN "ficou longe de ter a maioria absoluta que se previa" e que isso é "um alívio para a esmagadora maioria das pessoas" que se sentiram "terrivelmente ameaçadas". Mélenchon defendeu que "a vitória do povo deve ser estritamente respeitada", rejeitando qualquer "subterfúgio" e exigindo que a NFP forme Governo.

"A derrota do presidente e da sua coligação confirma-se. O presidente deve admitir essa derrota sem a tentar contornar de qualquer forma. O primeiro-ministro deve sair", insistiu Mélenchon, falando num "voto de desconfiança popular" em Gabriel Attal e insistindo que o próximo chefe do Governo deve vir da NFP. "As urnas decidiram entre dois projetos diametralmente opostos. A NFP está pronta para governar", defendeu.

Dentro da aliança, a LFI será o partido mais votado, com as estimativas a darem-lhe 73 a 80 deputados, à frente dos socialistas que deviam ter 60 a 64, os ecologistas com 33 a 36 e os comunistas com 11 e 12. A aliança de esquerda foi formada há pouco mais de um mês, quando Macron surpreendeu com a decisão de antecipar as eleições após o desaire nas Europeias.

O líder socialista, Olivier Faure, "respirou de alívio" com o resultado eleitoral. "Esta noite, a França disse não à chegada do RN ao poder!", lançou à multidão de apoiantes, defendendo também ele um Governo da NFP e rejeitando qualquer "coligação de contrários" com o bloco de Macron. "A NFP deve assumir o comando desta nova página da nossa história", insistiu.

LUDOVIC MARIN / AFP

Attal apresenta hoje a demissão.

Attal demite-se

Mais de uma hora depois, Attal reagia diante do Matignon, confirmando que vai pedir hoje a demissão, mas que ficará em funções "o tempo que for preciso" – o país prepara-se para receber milhares de pessoas para os Jogos Olímpicos de Paris. O Eliseu disse ontem que Macron quer esperar por saber a composição final da Assembleia Nacional, apelando à "prudência", antes de nomear um novo chefe de Governo – a escolha depende apenas do presidente, que por enquanto se quer focar na Cimeira da NATO que começa amanhã em Washington.

"A vontade do povo deve ser respeitada (...). A derrota do presidente e da sua coligação confirma-se claramente. O presidente tem de se inclinar e aceitar a derrota."

Jean-Luc Mélenchon
Líder da França Insubmissa

"A aliança da desonra e os arranjos eleitorais perigosos negociados por Emmanuel Macron e Gabriel Attal com as formações de extrema-esquerda lançam os franceses para os braços da extrema-esquerda de Jean-Luc Mélenchon."

Jordan Bardella
Líder do Reunião Nacional

"Esta noite, nenhuma maioria pode ser alcançada pelos extremos graças à nossa determinação e à força dos nossos valores. (...) Amanhã entregarei a minha demissão ao presidente.

Gabriel Attal
Primeiro-ministro

"Tenho demasiada experiência para ficar desiludida com um resultado em que duplicámos o número de deputados. A maré continua a subir. A vitória só foi adiada."

Marine Le Pen
Ex-candidata do Reunião Nacional às Presidenciais

A participação terá sido superior a 67%, ligeiramente maior do que na primeira volta, mas mais 20 pontos do que nas Legislativas de 2022. Será a taxa mais alta desde 1997.

A festa da aliança da esquerda na Praça da República. No final do dia, houve cenas de violência.

Bardella criticou "arranjos eleitorais".

DIMITAR DILKOFF / AFP

Para parte da direita e do campo presidencial, um Governo que inclua a esquerda radical é um cenário ainda pior do que um da extrema-direita. Éric Ciotti, cuja liderança d'Os Republicanos é contestada pela maioria do partido por ter feito um pacto com o RN, criticou o que apelidou de "aliança da vergonha" que juntou o centro e a esquerda, considerando que Macron "deu o poder à extrema-esquerda numa bandeja de prata".

E já se ouviam ontem vozes que pediam uma aliança que afaste os extremos, seja de direita ou de esquerda. "As forças políticas centrais têm uma responsabilidade que não podem descartar", disse o ex-primeiro-ministro Édouard Philippe, apelando a um "acordo que estabilize a situação política", mas que "não pode ser construído nem com o RN, nem com a LFI". Também o secretário-geral do partido de Macron, Stéphane Séjourné, defendeu ser óbvio que a NFP "não pode governar a França", já que "o bloco central republicano moderado continua de pé".

Attal congratulou-se que "nenhuma maioria absoluta pode ser liderada pelos extremos", felicitando-se pelo facto de o campo de Macron ter obtido "três vezes mais deputados" do que o previsto nas estimativas iniciais. O resultado dá um novo fôlego ao "macronismo", que muitos já davam como morto. Mas admitiu que o cenário será complicado. "Sei que, à luz dos resultados desta noite, muitos franceses sentem uma espécie de incerteza quanto ao futuro, uma vez que não surgiu nenhuma maioria absoluta. O nosso país vive uma situação política sem precedentes", afirmou. "Esta noite começa uma nova era", insistiu. Serão necessárias negociações complicadas para garantir uma maioria que não deixe a Assembleia Nacional bloqueada. Macron não pode marcar novas eleições antes de passar um ano.

"Avanço histórico"

O líder do RN, Jordan Bardella, lembrou que o partido registou o seu "maior avanço na história", duplicando o número de deputados, e criticou "os arranjos eleitorais" que "atiraram a França para os braços da extrema-esquerda". Após a primeira volta, na qual o partido obteve 33% das intenções de voto e ficou à frente em quase 300 círculos eleitorais, entrou em ação a chamada "frente republicana", com mais de 200 candidatos a desistirem nas corridas a três para não dividir o voto anti-RN e assim favorecer a extrema-direita.

"Apesar de uma campanha de segunda volta marcada por alianças contranatura, que procuraram de todas as maneiras impedir os franceses de escolher livremente uma política diferente, o RN teve hoje o avanço mais importante de toda a sua história", reagiu.

Para Bardella, "a aliança da desonra e os arranjos eleitorais perigosos negociados por Macron e Attal com as formações de extrema-esquerda impedem os franceses de uma política de recuperação nacional". E coloca o RN como "a única alternativa perante o partido único".

A antiga líder do partido Marine Le Pen, que espera ser candidata às Presidenciais em 2027 (após três candidaturas e duas derrotas para Macron), não se mostrou derrotada após serem conhecidas as projeções. Mesmo se, na campanha para a segunda volta, disse acreditar que uma maioria absoluta era possível. "Tenho demasiada experiência para ficar desiludida com um resultado em que duplicamos o número de deputados. A maré continua a subir. A vitória só foi adiada", afirmou à TF1.

Participação recorde

Segundo as estimativas das empresas de sondagem, a participação deverá ser superior a 67% (pode mesmo ser 67,5%), acima da primeira volta (66,7%). São mais de 20 pontos percentuais do que nas Legislativas de 2022 e quase 25 pontos a mais do que nas de 2017. É a participação mais elevada desde as eleições antecipadas de 1997.

As sondagens à boca das urnas foram recebidas em festa pelos apoiantes da esquerda, com milhares de pessoas a encherem a Praça da República, em Paris. Ao final da noite, já havia confrontos com a polícia. Noutras cidades, como Rennes, Nantes ou Lyon, a tensão também chegou às ruas. Após uma campanha marcada por meia centena de agressões contra candidatos e as suas equipas, o Governo francês destacou 30 mil polícias para garantir a segurança no dia das eleições, dos quais cinco mil só em Paris.

susana.f.salvador@dn.pt

Projeções às 21.30

>Nova Frente Popular
177 a 192

>Ensemble
152 a 158

>Reunião Nacional
138 a 145

>Os Republicanos
63 a 67

>Outros
30 a 31

"Hoje ninguém pode dizer que ganhou estas Legislativas. E muito menos Jean-Luc Mélenchon. Acho que temos de nos abrir mais à direita republicana do que fizemos até agora."

Gerald Darmanin
Ministro do Interior

[Assistimos a] uma aliança da vergonha que juntou os macronistas, os ecologistas, os insubmissos, os socialistas, os comunistas (...). Uma mistela política que entrega o poder de bandeja à extrema-esquerda."

Éric Ciotti
Presidente [contestado] de Os Republicanos

"As forças políticas centrais devem fazer um acordo para estabilizar a política, mas sem a França Insubmissa e o RN."

Édouard Philippe
Ex-primeiro-ministro e líder do Horizons

Não sou candidato a chefiar o Governo. Não chegámos a esse ponto. Como ser útil? Tendo tido a função que tive (...) posso ser útil para que os interesses da França sejam preservados."

François Hollande
Ex-presidente e eleito deputado na Corrèze

MANUEL FERNANDO ARAÚJO / LUSA

O líder da IL, Rui Rocha, viu o novo programa político do parido aprovado por 97,89% de votos.

IL põe diferenças de parte, aprova novo programa e olha para o futuro

CONVENÇÃO Ao contrário do que acontecera com os estatutos, a criação de uma nova estratégia política foi consensual. Oposição interna reconheceu que esta é "muito mais capaz" que a anterior.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Renovado, dividido em seis eixos (direitos, liberdades e garantias; organização política; soberania; economia; sociedade e Estado Social) e com duas ideias "corajosas": uma "Função Pública mais pequena, eficiente e qualificada, sujeita a avaliações de mérito e adequadamente remunerada" e "lucros e prejuízos privados [que] não devem ser socializados". Eis o novo programa da Iniciativa Liberal, aprovado por uma ampla maioria: 511 votos a favor, 10 abstenções e um voto contra – ou seja, 97,89% dos delegados aprovaram a nova linha política do partido.

Com isto, as aparentes divergências internas, que vieram à tona no primeiro dia da Convenção Nacional do partido, que não conseguiu aprovar nenhuma das propostas de mudança estatutária, ficaram esbatidas. E foi o próprio Rui Rocha, o líder liberal, que falou no assunto. No discurso de encerramento, o também deputado começou por dizer que os liberais são "muito melhores a fazer programas políticos do que a aprovar estatutos".

O documento, disse Rui Rocha, marca o "fim de um ciclo" que se iniciou com a criação do partido e que termina com a IL como "quarta força política e a estar em todos os Parlamentos".

"A partir de agora olhamos para o futuro e para um novo ciclo da IL", disse. Na sua intervenção, o dirigente defendeu uma reforma na Justiça e apontou que não é aceitável ter "cidadãos perseguidos pelo Estado" e que é "inadmissível que um cidadão esteja sob escuta durante quatro anos", numa referência às escutas da *Operação Influencer*.

Antes, o ex-líder (e agora eurodeputado eleito), João Cotrim Figueiredo, utilizou o lema do congresso ("Sempre a Crescer") para dizer que, para o partido continuar nesse caminho, é preciso lutar por tal. São precisas "três ideias", especificou: "Boas ideias, melhores ideias e ideias que inspiram."

Ou seja, "uma boa base programática, uma competente ação política" e a forma como o partido comunica (que precisa mudar, admitiu). No entanto, "ter razão não chega, nem na política, nem na vida". Na sua intervenção, aproveitou mesmo para parafrasear... Lenine: "O hiper-racionalismo é a doença infantil do liberalismo."

No último dia da reunião magna liberal (que aconteceu em Santa Maria da Feira), Tiago Mayan Gonçalves, crítico e principal rosto do movimento *Unidos pelo Liberalismo*, oposição interna, apontou que o programa é "imperfeito", mas ainda assim "muito mais capaz do que o atual", sobretudo na junção de todas as ideias de pensamento liberal.

Na véspera, o ex-candidato presidencial deixara críticas ao rumo do partido: "Cumprir valores liberais é reconhecer as capacidades dos outros e a nossa própria incapacidade. É aceitar que só nos aproximamos da omnisciência e da omnipresença com a colaboração livre e profícua entre todos. Não com *idolatração* pessoal ou sistémica."

Já o ex-líder parlamentar, Rodrigo Saraiva pediu que os membros sejam "liberais em toda a linha. Sem 'mas'." Dizendo que se sente "respaldado" pelo programa aprovado, o deputado defendeu a "ação pela liberdade e democracia", assumiu que "descer a Avenida da Liberdade no dia 25 de Abril" é das coisas que mais orgulho lhe dá. Terminou atirando farpas à esquerda. Afinal, ainda há trabalho a fazer "onde partidos de esquerda sectários e as suas organizações-satélite deturpam marchas que deveriam ser de liberdade e tolerância, afirmando nessas marchas manifestos anticapitalistas".

"Esta convenção estatutária marca o fim de um ciclo de cerca de seis anos (...). A partir de agora olhamos para um futuro e um novo ciclo da IL."

Rui Rocha
Líder da Iniciativa Liberal

"Não é mudar o povo que precisamos, é mudar a nossa forma de fazer e comunicar política. Precisamos de inspirar as pessoas."

João Cotrim de Figueiredo
Ex-líder da IL e eurodeputado eleito

"Descer a Avenida da Liberdade no dia 25 de Abril é das coisas de que mais me orgulho (...). Somos ou não somos liberais em toda a linha? Sejamos sem 'mas', sem medos, sem vergonha."

Rodrigo Saraiva
Deputado da IL

"Quero deixar o alerta que não podemos cair no logro de discutir regionalização à socialista, com mais Estado, mais sobreposição, mais desperdício, mais tachos."

Tiago Mayan Gonçalves
Ex-candidato presidencial e crítico da atual direção da IL

Nuno Melo quer voltar a ter defesa alinhada com a NATO

ALIANÇA O Ministro reafirmou a necessidade de investir no setor. Prioridade passa por, até 2029, elevar a despesa até 2% do PIB. Melhorar salários e a capacidade de retenção também está em cima da mesa.

O ministro da Defesa, Nuno Melo, reafirmou o compromisso de Portugal manter uma política de Defesa alinhada com a NATO e em salvaguarda das democracias e da liberdade.

"O compromisso do Governo português é claro. O nosso compromisso é em linha com a parceria euroatlântica, com a NATO, em defesa das democracias e da liberdade", disse Nuno Melo à margem das comemorações do 72.º aniversário da Força Aérea.

O ministro reiterou que o objetivo do Governo português é elevar as despesas em Defesa até 2% do PIB (Produto Interno Bruto) até 2029. "É por isso que temos inscrito no Programa do Governo, e cumpriremos a aproximação de investimento na Defesa até aos 2%, mínimo, do PIB, porque só assim estaremos em condições de ajudar os nossos aliados em tempos difíceis", disse.

Nuno Melo recordou que, neste momento, há guerras "no perímetro da NATO", tendo dado como exemplo a existente "junto à fronteira da União Europeia", uma alusão à Ucrânia.

O ministro da Defesa referiu em seguida que "a situação militar se agrava muito no Médio Oriente", que "a China se assume como uma superpotência", e que os próprios Estados Unidos "giram a atenção" para a região indo-pacífica. "Nós, povos europeus, temos de estar à altura das nossas circunstâncias e, por isso, nós investimos nas Forças Armadas. Há muitas coisas a fazer", concluiu Nuno Melo.

Nos últimos dias, o ministro da Defesa tem reiterado publicamente a necessidade de investir e reforçar o setor. Na sexta-feira, uma notícia do *Expresso* apontava que Portugal gasta metade daquilo que reporta à NATO (0,8% utilizado e 1,5% anunciado). Logo nesse dia, o governante afirmou que o Governo "vai investir mais nas Forças Armadas" e que a prioridade – melhorar a capacidade de recrutamento e retenção – só se consegue com "melhores salários".

No sábado, já nas cerimónias comemorativa dos 72 anos da Força Aérea, o ministro da Defesa especificou que essa será, aliás, uma das primeiras medidas. O responsável governamental acrescentou que esse aumento dos salários dos militares, para "dignificar as Forças Armadas", será feito "sempre com respeito pelas circunstâncias orçamentais". "O que significa que este salto não poderá ser dado de um dia para o outro, será feito faseadamente", disse Nuno Melo.

DN/LUSA

PS escolheu líderes das concelhias. PSD decide nos próximos dias

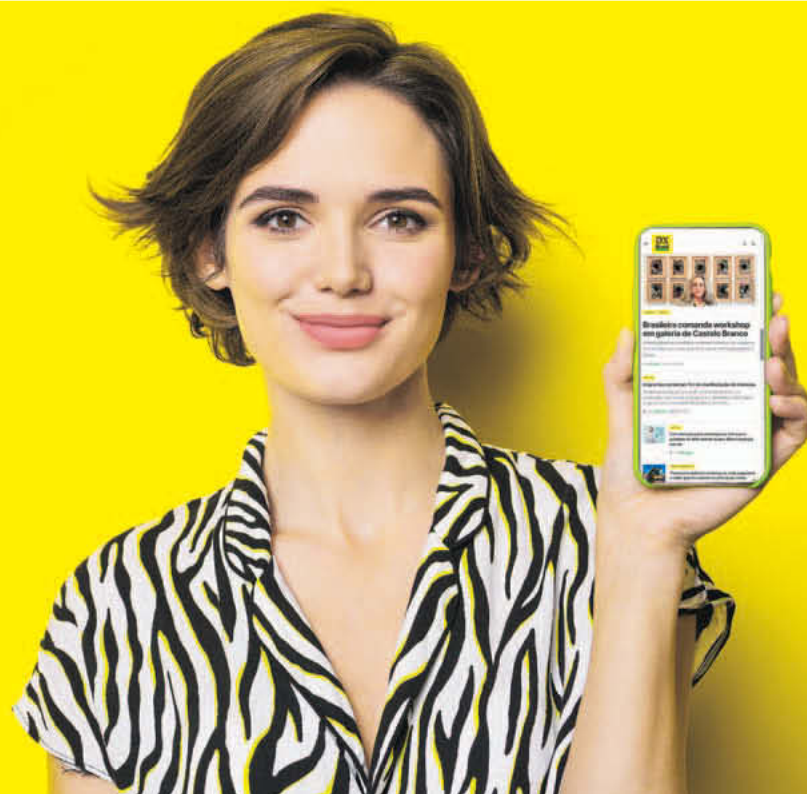
TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O PS já tem líderes concelhios eleitos. E, depois de Marta Temido, a Concelhia de Lisboa volta a ser liderada por Davide Amado. O presidente da Junta de Freguesia de Alcântara já tinha liderado o PS-Lisboa, mas saiu em fevereiro de 2023 por ter sido acusado pelo Ministério Público pelo crime de participação económica em negócio e abuso de poder. Quando saiu, Marta Temido assumiu os destinos da delegação lisboeta do PS.

No Porto, a escolha recaiu sobre Tiago Barbosa Ribeiro, que foi reeleito no cargo.

Em ambos os casos, os líderes concelhios foram eleitos em lista única. Está assim lançada a primeira pedra para a escolha dos candidatos para as Autárquicas de 2025. E, para preparar essas eleições, a esquerda começa a mexer-se para constituir alianças. O Livre pediu reuniões a PS, BE, PCP e PAN. E, se os comunistas recusam alianças com o PS, os socialistas não fecham a porta a acordos para (re)conquistar Lisboa e tentar vencer no Porto, onde parece existir dois possíveis candidatos: Manuel Pizarro ou José Luís Carneiro.

À direita, o PSD também começa a preparar a corrida autárquica do próximo ano. E, se a autarquia da capital parece segura para os sociais-democratas (que deverão recandidatar Carlos Moedas), a Câmara do Porto pode ser mais apetecível do ponto de vista político.

Com isto, o PSD-Porto vai escolher o seu próximo líder no dia 13. Na corrida estão Alberto Machado, deputado e atual líder do PSD-Porto, e Francisco Carvalho. Ambos defendem que o partido deve concorrer coligado com CDS e IL. No caso de Francisco Carvalho, o candidato advoga mesmo que o partido deve ainda procurar alianças com o PPM e independentes. E, argumenta, todos os membros destes partidos devem poder participar em eleições primárias para escolher o nome para a vaga que será deixada por Rui Moreira, que está impedido de se recandidatar por limitação de mandatos.

ANDRÉ LUÍS ALVES / GLOBAL IMAGENS

Fuga de alunos nesta área está associada à carreira docente que tem tido problemas.

Ensino Superior: abandono de cursos de Educação subiu durante a pandemia

ESTUDO Todas as áreas científicas registaram desistências nos Cursos Superiores, mas a área da Educação foi a que se destacou mais, atingindo 14%. Estudo da EDULOG conclui também que apenas 22% dos diplomados de cursos profissionais ingressaram no Ensino Superior.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Os cursos de Educação não têm atraído os jovens universitários e a pandemia agravou o problema. Esta é uma das conclusões do estudo da EDULOG (uma iniciativa da Fundação Belmiro de Azevedo, responsável por investigações científicas, na área da Educação). Segundo Orlanda Tavares, coordenadora do estudo e investigadora do CIEC – Instituto de Educação da Universidade do Minho, a justificação passa por vários fatores. "Por um lado, na área da Educação tem havido uma fuga de alunos porque está associada à carreira docente que tem tido problemas – e vai continuar a ter – e, por outro lado, são estudantes que não entram na 1.ª opção. Esses, têm uma tendência maior para o abandono", explica ao DN.

Contudo, segundo a responsável, a taxa de abandono subiu em todas as áreas científicas, sendo a mais elevada na área da Educação, que atingiu 14%. Um problema que pode agravar ainda mais o baixo número de diplomados nesta área (*ver caixa*).

As taxas de abandono andam próximas umas das outras. São mais altas nos politécnicos do que nas universidades, mais altas nos mestrados de 2.º ciclo e CTeSP (não-conferentes de grau). Já nas licenciaturas e mestrados integrados são mais baixas, refere o estudo. "Vimos ainda uma maior proporção de abandono de estudantes-trabalhadores e alunos estrangeiros", acrescenta Orlanda Tavares.

Intitulado *Impacto das Medidas Covid-19 no Acesso e Sucesso no Ensino Superior*, o estudo revela o fraco impacto das mudanças nas políticas de acesso ao Ensino Superior durante a pandemia, como a abolição dos exames para aprovação de disciplinas ou conclusão do Secundário, servindo apenas para acesso ao Ensino Superior.

O estudo dá nota de que, apesar de as medidas terem facilitado o acesso ao Ensino Superior durante a pandemia, "não foram suficientes para eliminar as barreiras estruturais que perpetuam as desigualdades entre os alunos". Esta foi uma das conclusões que mais surpreendeu a coordenadora do estudo, pois esperava "terem entrado para o Ensino Superior mais alunos de grupos tradicionalmente excluídos". "Foi uma expectativa que não se concretizou", lamenta.

"Os estudantes de cursos profissionais tendem a não prosseguir para o ES. Têm pouca confiança nas suas competências académicas, mas muita confiança nas competências práticas. Querem entrar rapidamente no mercado de trabalho."

Orlanda Tavares
Coordenadora do estudo e investigadora do CIEC

Ao nível da transição para o Ensino Superior, o estudo revela ainda uma disparidade acentuada nas taxas de transição entre alunos de cursos científico-humanísticos e profissionais.

"No ano letivo de 2021/2022, 72% dos diplomados de cursos científico-humanísticos ingressaram no Ensino Superior, enquanto apenas 22% dos diplomados de cursos profissionais o fizeram, mesmo existindo um concurso especial para estudantes provenientes das vias profissionalizantes", refere o documento. A explicação passa, conta Orlanda Tavares, por vários fatores sociais e económicos. A equipa do EDULOG realizou várias entrevistas com estudantes de 12.º ano, tendo sido visível uma "baixa autoconfiança nas suas competência académicas". "Os estudantes de cursos profissionais tendem a não prosseguir para o ES. Têm pouca confiança nas suas competências académicas, mas muita confiança nas competências práticas. Querem entrar rapidamente no mercado de trabalho, até porque muitos têm dificuldades financeiras", justifica.

"Mais de metade desses alunos, acrescenta, têm pais com o 3.º ciclo, no máximo, e as expectativas e benefícios do ES não são percebidos por estes alunos. São céticos em relação às vantagens do ingresso no ES", afirma.

A investigadora recomenda, por isso, "que se continue a diversificar as vias de acesso ao ES". "Muitos não sabem que têm um regime especial e era importante passar isso para as escolas. Contudo, as vias que existem neste momento não dão acesso a todos os cursos e a todas as instituições. Se isto mudasse, talvez atraísse mais alunos para o ES, embora tenhamos verificado, nas entrevistas, não haver muito essa apetência por parte dos estudantes de cursos profissionais", conclui.

Número de diplomados em cursos de Ensino é baixo na maioria das disciplinas

Os números mais recentes – divulgados em fevereiro deste ano, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) – refletem a dimensão do problema da falta de jovens estudantes em cursos superiores na área da Educação. Há disciplinas cujo número de diplomados a sair das universidades é residual. Apenas Educação Física, Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico não mostram escassez de diplomados. Em 2021, saíram das universidades portuguesas 1531 jovens com mestrado de via ensino (o diploma que permite dar aulas como profissionalizado em Educação) para os vários ciclos de ensino (desde o Pré-escolar ao Secundário). Destes, quase metade são de Educação Física e de Pré-escolar/1º ciclo. Há, assim, disciplinas com poucos *novos professores* formados: Física e Química (3 diplomados); Economia e Contabilidade (3); Filosofia (8) diplomados; Informática (18 diplomados); Português de 3º ciclo e Secundário (18); Matemática de 3º ciclo e Secundário (21 diplomados); Línguas estrangeiras de 3º ciclo e Secundário (25 no total); Biologia e Geologia (26); Geografia de 3º ciclo Secundário (51); História de 3º ciclo e Secundário (66).

Opinião
Paulo Guinote

Regeneração?

Tenho alguma dificuldade em encontrar um termo não desgastado ou desvirtuado pelo uso recente para designar o que me parece de importância central para que o aparelho burocrático-administrativo do Ministério da Educação regresse ao papel que já teve, mas que foi sendo transformado em outra coisa, sob a acção dos decisores políticos e a conivência das chefias que foram sendo nomeadas.

Há pouco mais de uma década houve um ministro que falou na necessidade de "implosão" desse aparelho, criticando mesmo o papel de "comissários políticos" que assumiam alguns dos seus agentes no terreno. Pela mesma altura, no mesmo quadrante político falou-se na necessidade de "refundação" do Estado e dos serviços públicos, algo a que assisti em primeira mão, porque fui um dos poucos participantes críticos na conferência *Pensar o futuro – um Estado para a sociedade*, realizada em Janeiro de 2013.

O balanço concreto dessas ideias, muito em linha com a deriva ideológica do "Estado Mínimo" que tem marcado as últimas décadas, foi a erosão de muitos serviços públicos, com uma degradação dramática da sua qualidade e com efeitos mais desastrosos em áreas como a Saúde e a Educação, em especial para as parcelas da população economicamente mais desfavorecidas.

No caso da Educação Pública, terminamos outro ano lectivo com os problemas de sempre, agora acrescidos dos que resultam da pretensa transição digital e da ineficiência de diversas "plataformas" onde se desenvolvem diversos procedimentos indispensáveis para o lançamento do próximo ano, como é o caso das matrículas. Mas não só, porque ao longo do ano também foram sensíveis as falhas de plataformas que têm custado muitos milhões de euros ao Estado para criar e manter, como é o caso do E360.

Como escrevi, estes problemas repetem-se. Podendo juntar-se outros como os das plataformas digitais para classificação de provas de aferição ou exames do Secundário. Ou dos concursos de professores.

Qualquer consulta ao Portal-Base permite verificar os avultados encargos com estas "ferramentas". Já este ano, para "Desenvolvimento evolutivo e corretivo do Portal das Matrículas" foi feito um contrato de cerca de 750 000 euros (mais IVA).

Para "Aquisição de licenças de administração aplicacional e de produtos de segurança e privacidade para a Plataforma Digital da Educação (PDE)" o Instituto de Gestão Financeira da Educação investiu quase 4,2 M€ (+IVA) o mês passado. E se recuarmos no tempo, entre o IGeFE, a Direcção-Geral da Educação, a Direcção-Geral das Estatísticas da Educação e Ciência ou mesmo a Secretaria-Geral do ME, são muitos os milhões que, apesar da aparente diversidade de empresas contratadas, foram encaminhados quase sempre nas mesmas direcções. O que é curioso, atendendo aos sucessivos problemas verificados.

Na área do apoio ao funcionamento das escolas, de esclarecimento dos procedimentos ou de verificação da sua legalidade, a estrutura administrativa do Ministério da Educação, que no início deste século funcionava com razoável independência e autonomia técnica nos seus pareceres e intervenções, foi-se transformando num mero braço operacional dos humores políticos de cada situação, com consequências graves na cobertura dada a ilegalidades evidentes, desde que ao serviço da política "certa".

Como sair desta situação, em que incompetência e instrumentalização se perpetuam, ano após ano?

Haverá regeneração possível?

Professor do Ensino Básico.

O *Ariane 6* (*na foto*) será lançado a partir do porto espacial de Kourou, na Guiana Francesa.

EMMANUEL DUNAND / AFP

Europa volta ao espaço e leva Portugal a bordo

CIÊNCIA Além de um nanossatélite, há ainda uma empresa que, a partir dos Açores, vai apoiar a "fase crítica da missão": o lançamento.

É o fim de um período de ausência: a Agência Espacial Europeia (ESA) vai lançar amanhã o seu novo foguetão não-tripulado, *Ariane 6*, que fará o seu voo inaugural levando a bordo um nanossatélite português, construído por estudantes e professores do Instituto Superior Técnico (IST).

O lançamento, da base espacial europeia em Kourou, na Guiana Francesa, está previsto para entre as 19.00 e as 23.00 (hora de Lisboa).

O Teleporto de Santa Maria, nos Açores, operado pela Thales Edisoft Portugal, vai ser a primeira estação a fornecer dados do foguetão, indicou à Lusa a empresa, que "irá contribuir para o estabelecimento de comunicações durante uma fase crítica da missão".

Segundo a Thales Edisoft Portugal, o lançamento inaugural do *Ariane 6* "marca o regresso da capacidade operacional europeia de acesso ao espaço".

A bordo do foguetão seguirá o *ISTSat-1*, o primeiro nanossatélite concebido por uma instituição universitária portuguesa.

O ISTSat-1 vai servir para testar um novo descodificador de mensagens enviadas por aviões que permitirá a sua deteção em zonas remotas e aferir a viabilidade do uso de nanossatélites na receção de sinais sobre o estado de aeronaves, como velocidade e altitude, para efeitos de segurança aérea.

"A equipa do Técnico estará a receber as informações do satélite na estação-terra do Polo de Oeiras e a verificar, comparando os dados recebidos com dados de referência, se o satélite cumpre as funções previstas e possui o desempenho esperado", precisou o IST em esclarecimentos anteriores à Lusa.

O *ISTSat-1* vai estar posicionado a 580 quilómetros da Terra, acima da Estação Espacial Internacional, a "casa" e laboratório dos astronautas, e enviar os primeiros dados até cerca de um mês depois do início das operações.

O nanossatélite, que custou cerca de 270 mil euros, ficará em órbita entre cinco e 15 anos antes de reentrar na atmosfera.

> O nanossatélite português vai servir para testar um novo sistema de descodificação de mensagens de aviões em zonas remotas.

"É um projeto multidisciplinar ótimo para ajudar a formar bons profissionais de Engenharia", sublinhou, citado pelo IST, o professor do Departamento de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores Rui Rocha, que coordenou o trabalho.

Junto com o *ISTSat-1* irão outros satélites e equipamentos científicos de instituições, empresas e agências espaciais estrangeiras.

O *Ariane 6*, cujo voo inaugural ocorre com um atraso de quatro anos e teve um custo de 4,5 mil milhões de euros, irá suceder ao *Ariane 5*, que fez o seu último voo em julho de 2023.

A ESA, da qual Portugal é Estado-membro desde 2000, prevê um segundo lançamento, desta vez comercial, da nova gama de foguetões europeus até ao final do ano. Para os dois anos seguintes estão programados 14 voos.

É com este foguetão que a ESA pretende enviar, em 2026, a sonda espacial *Plato*, que irá "fotografar" milhares de estrelas e procurar planetas semelhantes à Terra. A missão tem participação científica portuguesa, do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço.

DN/LUSA

Jean-David Zeitoun "O nosso modo de vida está a matar-nos"

SAÚDE Num círculo vicioso, geramos cada vez mais doenças que nos obrigam a gastar mais dinheiro. Para o médico francês Jean-David Zeitoun a Humanidade corre para o abismo e expressa-o no título do livro que escreveu *O Suicídio da Espécie*.

ENTREVISTA **JORGE ANDRADE**

A melhoria da saúde humana é uma anomalia à escala evolutiva. Ao longo de dezenas de milhares de anos, os humanos não viveram mais do que uma trintena de anos, em média. A grande extensão da nossa esperança de vida deu-se em meados do século XVIII no Ocidente. Um processo lento, embora contínuo, tributário da desinfeção e de uma melhor nutrição, mais tarde aos avanços da medicina e da farmácia. Em três séculos, a nossa longevidade quase triplicou. Esta progressão motivou o livro que Jean-David Zeitoun, Doutor em medicina e epidemiologia clínica, publicou em 2021. Em *La Grande Extension – Histoire de la santé humaine* (sem edição portuguesa), o também investigador da economia da saúde detém-se em "dois enormes riscos" do presente, criados pelos humanos: "Ambientais e comportamentais, que causam doenças crónicas e tornam possível uma regressão na saúde humana", sumaria a apresentação ao livro. "A pandemia de covid-19 não é uma coincidência. É uma ilustração severa das disfunções das sociedades humanas e, em particular, da sua relação com o ambiente. O SARS-CoV-2 é um produto natural, mas o seu surgimento e persistência são produtos humanos", acrescentava o autor.

Em 2024, Jean-David Zeitoun reitera a ideia do definhar da Humanidade e talha-o nas palavras que intitulam o seu novo livro. Em *O Suicídio da Espécie – Compreender como o nosso modo de vida está a pôr-nos doentes* (edição Contraponto), o médico traz um alerta: "O nosso modo de vida está a matar-nos."

"Produzir doenças para depois ter de as tratar é uma realidade factual, desprovida de sentido, mas que tem causas – e são essas causas que formam a lógica do suicídio da espécie", escreve o autor na introdução ao livro, para, mais à frente, deixar a pergunta: "'Qual o futuro da saúde humana?' (...) claramente, 'não sabemos'. Desde que a saúde humana começou a melhorar, em meados do século XVIII, o que se refletiu na esperança de vida, tem sempre havido forças contrárias."

No presente, identifica o médico gaulês, "há muitas forças em jogo. O resultado será o produto aritmético de forças positivas, como a medicina e a redução de certos riscos, e de forças negativas, principalmente o crescimento dos riscos ambientais e alimentares, aos quais infelizmente teremos de acrescentar as alterações climáticas".

Zeitoun descreve-nos um "suicídio coletivo", abundante na "oferta de riscos", e pormenoriza-o na entrevista que nos concede por escrito: "A sociedade global é promotora de grande parte dos riscos causadores de doenças e mortalidade. Só no que diz respeito aos riscos ambientais, e este é sem dúvida um número subestimado, a Organização Mundial da Saúde estima que um quarto das mortes se relaciona com esta questão. Dito de outra forma, a poluição, que é 100% de origem humana, causa nove milhões de mortes por ano à escala global. A obesidade causa cerca de cinco milhões de mortes, o álcool entre dois e três milhões e o tabaco um pouco mais de sete milhões. Isto é muito. Estas são formas de suicídio direto ou indireto, enquanto o suicídio *real* está a diminuir no mundo, para cerca de 750 mil por ano, o que representa uma queda de 30% em 40 anos. A poluição não está a diminuir e a obesidade está a aumentar."

Zeitoun descreve-nos três tipos de riscos: ambientais (*e.g.* poluição do ar, temperaturas extremas, saúde no trabalho); comportamentais (*e.g.* malnutrição maternoinfantil, tabagismo, álcool, drogas, regime alimentar); metabólicos (*e.g.* diabetes ou pré-diabetes, hipertensão arterial, excesso de peso/obesidade).

A maior parte dos riscos existe desde sempre, e até os mais recentes estão presentes desde há vários séculos. Mas a sua intensidade e repartição evoluíram muito. Certos riscos seguem uma progressão particularmente problemática e fora de controlo, como a poluição no sentido lato ou a obesidade", sublinha o autor.

"Indústrias patogénicas": os perigos da máquina global da alimentação

O médico francês aponta a sua argumentação às "indústrias patogénicas", como as descreve, e coloca na lista as indústrias dos combustíveis fósseis e a química, e também a indústria alimentar. Sobre esta última, "inicialmente, a intenção não era necessariamente má. Os fabricantes começaram a transformar os alimentos de forma excessiva e em grande escala na década de 1970. O objetivo era tornar os alimentos mais práticos, duradouros e acessíveis".

Contudo, "a situação deteriorou-se lentamente e os alimentos ultraprocessados tiveram um crescimento quase contínuo até hoje. Os fabricantes também aumentaram a concentração de açúcares. Percebemos tarde que esses alimentos eram, em média, extraordinariamente tóxicos. Eles causam diabetes, obesidade, cancro, doenças hepáticas, doenças cardiovasculares e muito mais", alerta o também investigador na área da economia da saúde, para acrescentar: "Entretanto, todos se habituaram a estes alimentos, os fabricantes revelam dificuldade em retroceder, embora comecem a fazê-lo em determinados países, e os cidadãos que consideram estes alimentos acessíveis e por vezes agradáveis. Mas outra dieta é possível, tal como revelam diversos estudos."

O SUICÍDIO DA ESPÉCIE
Jean-David Zeitoun
Contraponto Editores
248 páginas

Ao longo d'*O Suicídio da Espécie*, o gaulês fala de uma "acumulação de intenções inferiores" e explica-o: "Muitos fenómenos sociais de grande dimensão são a consequência não-intencional de ações de menor escala. Não há conspiração, nem plano para adoecer a população mundial. Inicialmente, até mesmo as empresas de tabaco só queriam vender cigarros. É verdade que quando souberam o quão tóxico era, não procuraram divulgar esta informação, pelo contrário, usaram todos os métodos legais ou ilegais possíveis para atrasar a regulamentação e tributação dos seus produtos. O padrão é semelhante para as indústrias fósseis e alimentares. Os políticos não são cúmplices ativos neste cenário, mas sim fracos ou demasiado passivos quando há que proteger as suas populações sem ameaçar a economia ou mesmo a sua popularidade."

Prosseguindo na análise que faz à relação dos decisores políticos com as "indústrias patogénicas", Zeitoun detalha que "nas democracias, a maioria dos líderes quer ter um bom desempenho, mas sente-se constrangido".

"Têm também crenças erradas sobre os efeitos económicos das doenças que subestimam. Ao preservarem certas indústrias que produzem riscos e doenças, pensam erradamente que estão a preservar empregos e a economia quando, na realidade, estão a perder."

Na sua argumentação, o autor acrescenta os cidadãos aos atores deste jogo-suicida. "É evidente que os cidadãos têm responsabilidade limitada nesta catástrofe e o seu poder de adaptação também é bastante fraco. Acontece que são ma-

Jean-David Zeitoun é Doutor em Medicina e Epidemiologia Clínica e investigador de Economia da Saúde.

“Os fabricantes que saturaram a dieta com açúcar provavelmente não suspeitaram, inicialmente, do seu poder viciante.”

nipulados, mas isso ocorre menos na democracia do que nas autocracias. Nas democracias, os industriais fazem o seu *lobby* normal e deveria caber aos políticos resistir, a fim de colocar a Saúde Pública à frente dos interesses particulares de alguns industriais. A economia como um todo beneficiaria, porque a doença está a custar cada vez mais aos Estados.”

A ideia geral é que vivemos mais e melhor. Controlamos a origem das doenças, desenvolvemos tratamentos, olhamos para a saúde como um marcador do nosso desenvolvimento. No entanto, Jean-David Zeitoun não se revela muito otimista em relação à melhoria da saúde humana. Porquê?

“Porque a situação é mista no momento presente. A esperança de vida está a aumentar mais lentamente do que no passado e, nos Estados Unidos, tem diminuído quase continuamente ao longo dos últimos dez anos. Acresce que a esperança de vida não é o único marcador significativo, porque reage tardiamente à produção de riscos. Quando cai, é muito tarde para reverter a tendência. Os riscos produzidos hoje irão degradar a longevidade dentro de 20 ou 30 anos e já estão a gerar um número considerável de doenças que degradam a qualidade de vida e custam fortunas aos países.”

“O vício é um aliado das indústrias patogénicas?” Perguntamos. Responde-nos Jean-David Zeitoun: “Sim, e novamente, há uma parte involuntária. Os fabricantes que saturaram a dieta com açúcar provavelmente não suspeitaram, inicialmente, do seu poder viciante. Agora, sabemos como tal acontece e como contribui para o alto consumo. Os *lobbies* industriais afirmam com frequência que os indivíduos são dignos de confiança e que são livres nas suas escolhas, mas este argumento é falacioso, uma vez que a dependência, ou vício, é precisamente o oposto da liberdade.”

Ao abordar o tema dos alimentos ultraprocessados, Zeitoun também não poupa críticas às dietas vegetariana e *vegan*, embora confesse que esta é uma questão “complexa porque, por um lado, dietas muito ricas em carne tendem a ser menos benéficas para a saúde e, por outro, certos produtos vegetais são ultraprocessados. A melhor opção é preferir alimentos frescos e carnes magras em quantidades limitadas, quando possível”.

Uma “pandemia metabólica”

“A globalização da transformação alimentar globalizou a suas complicações. A frequência de obesidade aumentou de forma linear e sem interrupção desde os Anos 1970, período no qual a indústria começou a transformar os alimentos em massa. De modo geral, o risco metabólico está a aumentar no mundo (…). Cerca de 15% dos humanos são obesos, e cerca de 40% têm excesso de peso (…). O crescimento internacional das doenças metabólicas criou um fenómeno a que os epidemiologistas chamaram o *duplo fardo da malnutrição*, que definem como a manifestação simultânea da malnutrição e da obesidade”, escreve Zeitoun no seu livro.

O autor fala, a este propósito, numa “pandemia metabólica”: “O metabolismo corresponde à troca de energia e matéria. As doenças metabólicas são aquelas que estão ligadas a esta questão. Trata-se principalmente da diabetes, obesidade, excesso de gordura no sangue e as suas consequências cardiovasculares e até cancerígenas. Muitas doenças crónicas, senão mesmo a maioria, têm uma componente metabólica nas suas causas. Devido à alimentação, mas também à poluição química, as doenças de origem metabólica estão a aumentar e representam provavelmente o nosso maior problema de saúde.”

“Os políticos não são cúmplices ativos neste cenário, mas sim fracos ou demasiado passivos quando há que proteger as suas populações sem ameaçar a economia ou mesmo a sua popularidade.”

Zeitoun dedica o terceiro capítulo do seu livro à “procura de riscos” (“definidos pelo grau de consciência de exposição ao risco”, assim baliza o autor).

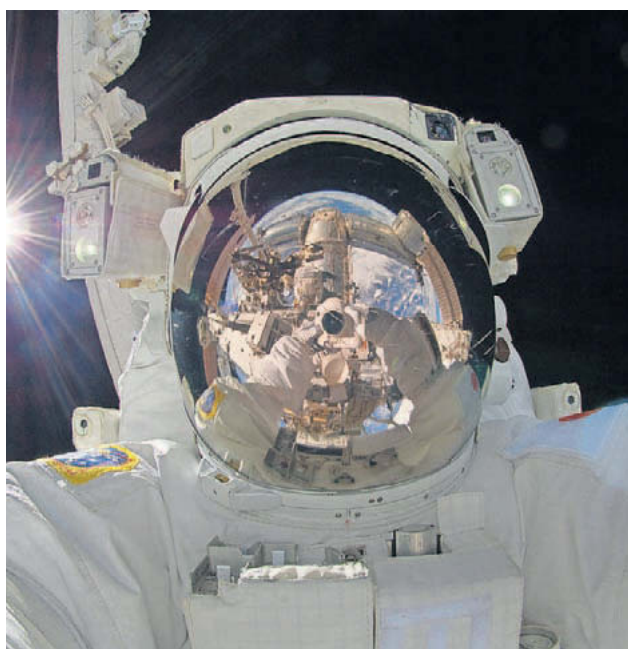
“Na primeira, o risco é desconhecido de todos (…). A possibilidade seguinte é que os estudos científicos demonstram o risco, mas os fabricantes que o produzem fazem tudo para o dissimular (…). A última possibilidade implica que o risco é público, mas há indivíduos que não o conhecem.”

O médico sublinha que a procura consciente de riscos está a aumentar no século XXI. “O desespero é parte da explicação e os Estados Unidos são, provavelmente, o pior país para este fenómeno. O excesso de mortalidade naquele país liga-se principalmente ao suicídio, álcool, opioides e obesidade. Todos estes problemas estão, muitas vezes, enraizados na infelicidade humana e estudos extensos sugeriram de forma convincente que muitos americanos afetados se sentem desesperados. A maior parte das vezes são eleitores republicanos e isto, provavelmente, deveria ser visto como uma consequência.”

Num livro que espraia a questão da extinção ao longo das suas mais de 240 páginas, há que perceber junto do autor se há salvação para a nossa espécie face “à epidemia de mortes prematuras ligadas às atividades patogénicas da sociedade mundial”, que descreve. Diz Zeitoun: “Sabemos que é possível, mas temos de estar conscientes, em primeiro lugar, da dimensão do problema e, em segundo lugar, da sua natureza sistémica. No entanto, há uma procura muito forte por parte dos cidadãos, e alguns países estão a começar a avançar. É tarde, mas não demasiado tarde para resolver este tipo de problema.”

“Olha o passarinho.” Na década de 1960 as *selfies* chegaram ao espaço

CIÊNCIA *VINTAGE* Em 2013, o termo *selfie* ganhou o estatuto de palavra internacional do ano. Cunhada em 2002, a palavra que designa um autorretrato fotográfico é atualmente sinónimo de disseminação de imagem nas redes sociais. Nos Anos 1960, a *selfie* chegou ao espaço. Mas o seu primeiro exemplar data de 1839.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

***Selfies*: a primeira, de Robert Cornelius, em 1839; no espaço, com Akihiko Hoshide; e a de uma macaca curiosa.**

Rizz, ou a capacidade de alguém atrair terceiros através do seu estilo, charme ou carisma, ganhou embalo na língua entre a Geração Z e o estatuto de palavra dicionarizada em 2023. A cada ano, o Oxford English Dictionary elege a palavra internacional que se destacou nos 365 dias anteriores. Um termo que surge do consenso entre os editores daquela publicação, do rastreio feito pela ferramenta Oxford English Corpus a cerca de 150 milhões de palavras do inglês publicadas mensalmente na *web* e das tendências nas redes sociais. *Rizz* seguia-se a um rol de outras palavras eleitas nos anos anteriores, entre elas *binge-watch*, o ato de consumir compulsivamente programas de televisão. Em 2013, uma palavra nascida 11 anos antes num fórum australiano na internet, brilhou como palavra internacional do ano. O velhinho autorretrato fotográfico, cujas origens remontavam ainda ao século XIX, era agora uma *selfie* (do inglês *self* – eu – com a adição do sufixo *ie* – inho/nha).

Na época, o mundo viciara-se em *selfies*. Naquele ano de 2013 o uso do neologismo no seio da língua inglesa acelerara 17 000%. O registo digital ou foto que a pessoa, máquina ou animal tiram de si mesmos viajara para todos os contextos terrestres e para fora deste nosso mundo.

Quando há 11 anos o *Oxford English Dictionary* apontou os holofotes para a palavra *selfie*, o gesto humano que esta identifica ganhara o estatuto de prática extraterrena há mais de 50 anos. Na década de 1960, um astronauta americano acenava ao mundo através de um autorretrato em microgravidade.

Um ainda jovem Robert Cornelius, norte-americano pioneiro da fotografia, nascido em Filadélfia em 1809, é tido como o autor do primeiro registo fotográfico de um rosto humano captado pelo próprio autor. Em 1839, no exterior da loja de lâmpadas que geria com os seus pais, Cornelius apontou a si a rústica câmara fotográfica. O daguerreótipo, o primeiro processo fotográfico a ser comercializado junto do comum cidadão, resulta na impressão de um rosto com o seu quê de apreensão. Há 185 anos, Cornelius postou-se perto de 15 minutos frente ao olho da objetiva. A paciência recompensou-o com a eternidade sob a forma de registo fotográfico.

Meses depois, na outra banda do Atlântico, o amador da fotografia e inventor francês Hippolyte Bayard reiterou o feito de Cornelius. O autorretrato fotográfico do francês também ganhou um lugar na História.

A Leste, na Rússia, o ano de 1914 levou às mãos de Anastásia Nikolaevna, filha de Nicolau II, uma câmara fotográfica. Com ela, a jovem de 13 anos, fez-se fotografar frente a um espelho. Uma das primeiras *selfies* da História captada por uma adolescente.

A aurora do século XX, trouxe o anúncio da massificação das câmaras fotográficas portáteis. Um dos engenhos que se adiantou para difundir o autorretrato fotográfico cunhou o nome numa entidade milenar, nascida na crença do Homem muito antes de qualquer perspetiva de fixar para a posteridade uma imagem efémera. Nos cantos e sombras dos lares ingleses e escoceses, cria-se viverem os *Brownies*, duendes do bem. No século XX, estes duendes saltitavam nos anúncios e também nas embalagens da Kodak Brownie, uma câmara portátil fotográfica nascida nos Estados Unidos, feita sucesso global.

Do estirador do ilustrador canadiano Palmer Cox, radicado em Nova Iorque, saía uma verdadeira indústria de duendes. Os *Brownies* apanhavam boleia das publicações femininas, dos livros infantis, de artefactos e, em breve dos anúncios à Kodak. As mãos das crianças norte-americanas e europeias acolhiam um novo brinquedo. Uma máquina fotográfica de baixo custo, fácil de operar e apta a captar sorrisos através do autorretrato. Na década de 1970, o autorretrato fotográfico floresceu com a disseminação das câmaras portáteis e, mais tarde, com os suportes digitais.

Na época, as avós das atuais *selfies* já haviam conquistado o espaço. No ano de 1966, o astronauta norte-americano Buzz Aldrin, no decurso da derradeira missão *Gemini* (a 12.ª), da NASA, entregou-se a uma atividade extraveicular (EVA na língua inglesa, de *Extravehicular activity*). Fora do engenho espacial, o astronauta nascido em 1930, captou um autorretrato fotográfico. Um momento inaugural fora da atmosfera terrestre seguido de inúmeras *selfies* no espaço captadas em anos posteriores, algumas de entre elas com recurso à superfície espelhada do capacete dos astronautas.

Após 2002, as primeiras *selfies* captadas sem ajuda de outro astronauta, incluíram as fotografias do norte-americano Donald Pettit, em janeiro de 2003 numa missão do vaivém espacial *Endeavour* e do seu conterrâneo Stephen Robinson, em agosto de 2005, a bordo do vaivém espacial *Discovery*.

Em setembro de 2012, o astronauta japonês Akihiko Hoshide, dispôs-se a uma caminhada espacial de seis horas e 28 minutos. A *selfie* que captou, mais tarde carregada na sua conta na rede social Twitter (atual X), tornou-se um fenómeno da internet. As *selfies* no espaço ganhavam o estatuto de estrelas a brilhar na Terra. Um atributo que não era apenas apanágio humano.

No século XX, as máquinas partiram à conquista do espaço sem esconderem a sua vaidade pelos feitos em microgravidade. No ano de 1976, a sonda da missão *Viking 2* captou uma foto do seu convés após pousar no solo de Marte. Em 1989, foi a vez da sonda *Galileu*, no seu trajeto rumo ao planeta Júpiter, “sorrir” para a sua *selfie*, uma vaidade mecânica igualada em 2010, pela sonda *IKAROS*, da Agência Japonesa de Exploração Espacial, dotada de duas câmaras sem fios, ejetadas da nave, com o propósito de captarem *selfies* espaciais.

Em 2012, o *rover* espacial *Curiosity*, iniciou a sua missão no solo de Marte após uma viagem de 560 milhões de quilómetros. A 7 de setembro de 2012, o *Curiosity* tirou a primeira *selfie*, obtida por uma câmara acoplada ao seu braço robótico. A 8 de setembro lia-se na conta do Facebook da missão: “Olá lindos! Tirei este autorretrato enquanto inspecionava a minha câmara (...). Este foi um teste para garantir que a tampa, a sua dobradiça e a área que ela varre ao abrir estão livres de detritos”.

Em novembro de 2013, um dia após o *Oxford English Dictionary* anunciar a palavra internacional do ano, a conta *@MarsCuriosity* no X celebrava o momento. O planeta Marte tornava-se palco para *selfies* endereçadas à Terra. Em fevereiro de 2018, o *rover Opportunity* usou a sua câmara para tirar uma *selfie* a assinalar os seus “5000 sóis em Marte”, ou seja, cinco milhares de dias de trabalho no *Planeta Vermelho*. O seu Sol número 1 fora a 25 de janeiro de 2004. Acreditava-se que o engenho funcionaria ao longo de 90 sóis.

Dos confins de Marte para as selvas da Indonésia, um autorretrato captado por uma macaca da espécie *Macaca nigra* gerou uma onda de contestação internacional. Em 2011, no decorrer do seu trabalho de campo, o fotógrafo da Natureza britânico David Slater, descuidou o seu equipamento fotográfico. Desatenção aproveitada por uma macaca para captar algumas fotos do seu rosto.

A série *Selfies de Uma Macaca*, publicada com assinatura de David Slater, levou a uma ampla discussão sobre a posse de direitos de autor em obras feitas por animais não-humanos. Um debate que se prolongou até 2018.

Consultora avalia a EDP em 2891 milhões de euros, mais 5,1% do que no ano anterior.

ANDRÉ LUÍS ALVES / GLOBAL IMAGENS

As 100 marcas portuguesas mais valiosas valem 20,3 mil milhões de euros

ESTUDO A EDP é a mais valiosa, pelo sexto ano consecutivo; a Galp foi a que mais valorizou em termos absolutos. Dados são do estudo anual da Onstrategy.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

A EDP é a marca portuguesa mais valiosa pelo sexto ano consecutivo, mas a Galp foi a que mais valorizou, em termos absolutos, face ao ano anterior. Em termos relativos, a distribuição/retalho e a banca foram os setores que mais valorizaram, com especial destaque para o Continente e a Caixa Geral de Depósitos. Globalmente, as marcas portuguesas mais valiosas são avaliadas pela Onstrategy em quase 20,3 mil milhões de euros, na edição de 2024 do seu estudo anual sobre marcas, mais 17% do que na edição anterior.

Estes são dados do estudo *Marcas Portuguesas Mais Valiosas*, da consultora Onstrategy, que, desde 2019, analisa o comportamento das marcas de 37 setores de atividade distintos. Curiosamente, desde 2019, os quatro lugares cimeiros da tabela têm sido ocupados sempre pelas mesmas marcas – EDP, Galp Energia, Jerónimo Martins e Pingo Doce –, sendo que o quinto lugar tem variado quase todos os anos. Começou por ser ocupado, em 2019, pela TAP, que este ano surge na 25.ª posição. Tinha, então, um *brand value* de 733 milhões de euros. Agora, está avaliada em 162 milhões.

A quinta marca mais valiosa este ano é o Continente, que ocupou o esse lugar no *ranking* de 2022, mas perdeu-o, no ano passado, para a Meo. Em 2022, o Continente estava avaliado em 663 milhões de euros, este ano, está em 989 milhões. Foi a marca que mais valorizou em termos relativos, com um aumento de 48% face aos 668 milhões em que estava avaliada em 2023, ocupando então a 8.ª posição. A Meo caiu este ano para o 8.º lugar, apesar de se ter valorizado 9,9%, para um total de 767 milhões de euros.

> Desde 2019, os quatro lugares cimeiros da tabela têm sido ocupados pelas mesmas marcas – EDP, Galp Energia, Jerónimo Martins e Pingo Doce –, sendo que o 5.º lugar tem variado quase todos os anos.

A sexta posição do *ranking* é ocupada pela Caixa Geral de Depósitos, que regista a segunda maior valorização relativa, ao crescer 47%, correspondentes a mais 316 milhões de euros, para um valor total de 988 milhões. É, também, a marca de banca mais valiosa. Nos setores de Banca & Seguros, destaque para a Fidelidade, que lidera no segmento de *Financial Insurance*, e para o Multibanco, líder em sistemas de pagamentos.

Em termos absolutos, a marca que mais valorizou foi a Galp Energia, com um aumento de 457 milhões. Agora avaliada em 2330 milhões de euros, a Galp lidera o segmento de petróleo e gás. A EDP valorizou 140 milhões, mais 5,1%, e está avaliada agora em 2891 milhões de euros. É líder do segmento de energia.

A TAP ocupa o lugar cimeiro em aviação e aeroespacial, a Brisa na mobilidade e a CP no segmento de transportes.

O estudo, explica a Onstrategy, é efetuado com base em informação pública e disponível, recorrendo à metodologia *royalty relief*, em conformidade com as normas ISO 10668 e 20671, de avaliação financeira de marca e de avaliação de estratégia e força de marca, respetivamente.

Ou seja, "são levadas em linha de conta a força que cada uma das marcas tem, conjugada com as perspetivas de evolução do volume de negócios e de margens operacionais de cada uma delas, dos setores em que se inserem e dos mercados onde atuam, sendo estabelecido o seu rendimento com base num *royalty* hipotético que a marca poderia cobrar num acordo de licenciamento. São nesta fase descontados tendo em conta o nível de risco adequado, sendo apurado o seu valor financeiro", explica João Baluarte, sócio responsável pelos estudos financeiros da Onstrategy.

Como referido, a consultora analisa a *performance* de 37 setores de atividade, elegendo as 37 marcas líderes setoriais. Destas, destaca, como as que mais valorizaram em relação à última edição do estudo, a CGD (+47%), Pingo Doce (+38,5%), Parfois (+34,1%), CTT (+29,7%), Wells (+29,4%) e (Cervejaria) Portugália (+28,6%).

Distribuição/Retalho e Banca foram, segundo a consultora, os setores que mais valorizaram, na medida em que "beneficiaram dos bons desempenhos financeiros obtidos em 2023 e das perspetivas de evolução destes setores, bem como da sua resiliência ao nível da sua força de marca, além da estabilização das taxas de juros e da melhoria do risco de país", diz João Baluarte.

Em termos de setores, destaque ainda para marcas como a Jerónimo Martins, considerada a *holding* mais valiosa na distribuição e consumo alimentar; a Delta,no segmento de bebidas não-alcoólicas; e a Super Bock, no de bebidas alcoólicas. A Lactogal é a mais valiosa no segmento alimentar e a Portugália na restauração.

A Meo nas telecomunicações, a Mota-Engil em engenharia e construção, a CIN como fornecedora de matérias-primas para construção e a Navigator, no segmento industrial, são outras das marcas mais valiosas. O retalho é liderado pela Parfois, seguida pela Salsa (retalho têxtil), Vista Alegre (luxo) e Gato Preto (líder em artigos para o lar).

Destaque, ainda, para os serviços, tecnologia e saúde, onde encontramos como marcas mais valiosas os CTT, Worten, Novabase, CUF, Bial, Medis, Germano de Sousa e Wells. Por fim, no turismo, Pestana e Viagens Abreu são as marcas mais valiosas; no desporto é o Sport Lisboa e Benfica e a Sport Zone; nos *media*, SIC, Correio da Manhã e Rádio Comercial são os protagonistas.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

John Ghazvinian “Os EUA tinham uma reputação muito positiva no Irão. Eram vistos como uma potência neutra em que se podia confiar”

RELAÇÕES John Ghazvinian, historiador e ex-jornalista, é colunista do jornal *The New York Times* e professor na Universidade da Pensilvânia, onde dirige o Centro de Estudos do Médio Oriente. É um especialista na história das relações entre os EUA e o Irão. O seu livro *America and Iran, a History: 1720 to the present*, foi considerado dos melhores em 2021.

ENTREVISTA **RICARDO ALEXANDRE / TSF**

A primeira vez que americanos olharam para o Irão e para a Pérsia foi com os missionários presbiterianos nas primeiras décadas do século XVIII, que tinham como objetivo cristianizar os assírios?
Uma das coisas que me fascinou quando fiz a pesquisa para este livro foi o facto de, já no século XVIII, na década de 1720, antes mesmo de os Estados Unidos (EUA) existirem como país, haver jornais publicados em Filadélfia e Boston que estavam fascinados com o que se passava na Pérsia. Viam o Império Persa como inimigo do Império Otomano, que era considerado o grande império do mal da altura. E o inimigo do meu inimigo é meu amigo. Houve muita cobertura jornalística muito pró-iraniana em jornais publicados por Benjamin Franklin e outros. Os americanos tinham uma espécie de noção preconcebida da Pérsia, mesmo antes de entrarem em contacto com ela. O primeiro contacto realmente sustentado entre americanos e iranianos começou nas décadas de 1830 e 1840 com a chegada de um número significativo, quero dizer, dezenas de missionários presbiterianos americanos que estavam lá não para converter muçulmanos ou judeus, mas para converter cristãos iranianos daquilo que consideravam uma forma degenerada de cristianismo, e levá-los para o cristianismo presbiteriano. O Irão tinha e tem uma população cristã antiga, de longa data, constituída por assírios, caldeus e arménios. Os presbiterianos não se preocupavam muito com os arménios, porque se sentiam um pouco intimidados por eles, mas viam os assírios como alvos ideais.

Por outro lado, os persas estavam, há mais de um século, a olhar para este novo e vibrante país, a América, como uma solução para os ajudar a romper com a influência das grandes potências sobre os assuntos internos persas e, acima de tudo, sobre os recursos persas...
É isso que é extraordinário. Os americanos tinham uma ideia idealizada da Pérsia, e os persas também tinham uma visão idealizada da América. Viam os EUA como um país europeu. No discurso deles, a América era apenas um país europeu que estava muito longe, a Oeste, do outro lado do oceano. Por isso, viam os EUA como tendo muitas das vantagens dos países europeus, os avanços tecnológicos, o tipo de liberalismo político, etc., que eram atrativos para uma nova geração de reformistas persas, sobretudo nas décadas de 1860 e 1870. No entanto, viam-no como uma espécie de versão mais benevolente da Europa, um país europeu sem a mentalidade imperialista que a Grã-Bretanha, a Rússia, a França, a Bélgica e outros países tinham nas suas interações com o Irão. A Rússia e a Grã-Bretanha, em especial, tinham uma longa história de interferência imperialista no Irão. Nunca colonizaram formalmente o Irão, mas puxaram muitos cordelinhos nos bastidores. Tinham uma grande influência no país, acordos comerciais e políticos desequilibrados, e eram alvo de muito ressentimento pelos iranianos, especialmente pela nova geração de nacionalistas iranianos, que viu nos EUA um país que tinha tudo de positivo que a Europa tinha para oferecer em termos de avanço político, tecnológico e militar, mas sem a mentalidade imperialista. Os americanos, surpreendentemente, nem sequer tinham uma embaixada no Irão até à década de 1880, apesar de os seus cidadãos estarem a trabalhar e a viver no Irão 50 anos antes disso. Já os britânicos tinham uma embaixada que trabalhava lado a lado com os seus missionários anglicanos, e os russos faziam o mesmo com os seus missionários ortodoxos. Estes missionários eram vistos como uma extensão do imperialismo russo e britânico no Irão, ao passo que os missionários americanos eram vistos como pessoas que apareciam simplesmente para ajudar, por qualquer razão, a construir clínicas e escolas. O seu Governo não tinha presença nem interesse no Irão, e isso era atraente para os iranianos.

Qual foi a sua motivação quando abraçou esta missão de escrever uma história sobre as relações entre estes dois países desde 1720 até à atualidade?

> *“As pessoas esquecem frequentemente que a primeira vez que os EUA e o Irão romperam relações não foi em 1979, foi, na verdade, em 1935, por causa de um incidente envolvendo uma multa por excesso de velocidade que foi passada ao embaixador iraniano em Maryland.”*

Várias pessoas já tinham escrito livros sobre a história das relações entre os EUA e o Irão, mas eu sentia que essa história estava muito presa a este tipo de jogo de culpas sobre 1953 e 1979. O golpe de Estado de 1953, liderado pela CIA contra Mohammad Mossadegh, um primeiro-ministro muito popular no Irão que tentou nacionalizar a indústria petrolífera, foi visto por toda uma geração de nacionalistas iranianos como uma espécie de pecado original, a primeira vez que entraram em contacto com os EUA de uma forma negativa, de uma forma imperialista. E a revolução de 1979 e a crise dos reféns, quando os revolucionários iranianos tomaram dezenas de americanos como reféns durante mais de um ano na Embaixada dos EUA, foi vista por estes como a espécie de pecado original onde todos os problemas começaram. Eu quis escrever uma história que nos afastasse deste tipo de jogo de culpas, ou seja, de que todos os problemas começaram em 1953 ou em 1979, e que olhasse para uma história mais profunda e mais longa. Porque penso que há uma tendência entre as pessoas que querem defender o Irão ou as pessoas que querem criticar os EUA para dizer: bem, tudo estava bem até 1953, até os americanos chegarem e derrubarem o Governo. As pessoas que querem defender os EUA ou criticar o Irão gostam de dizer: “Bem, estava tudo bem até à Revolução Iraniana e à crise dos reféns. Tínhamos uma boa relação com o Xá e *blá, blá, blá*. Se dissermos que estava tudo bem até 1979, será que estava mesmo? Não. Havia obviamente uma profunda corrente subjacente de ressentimento e, sabe, até certo ponto, uma revolução incipiente. E, por outro lado, estava tudo bem antes de 1953? É possível argumentar que as relações entre os EUA e o Irão nos Anos 20 e 30 eram muito mais positivas do que mais tarde. Mas penso muitas vezes que as pessoas que dizem que tudo estava bem até 1953 não têm uma noção muito boa de como eram as relações entre os EUA e o Irão antes de 1953. As pessoas esquecem frequentemente que a primeira vez que os EUA e o Irão romperam relações não foi em 1979, foi, na verdade, em 1935, por causa de um incidente envolvendo uma multa por excesso de velocidade que foi passada ao embaixador iraniano em Maryland, numa pequena cidade chamada Elkton, que precipitou uma enorme crise diplomática e a rutura de relações durante três anos. A maioria das pessoas nem sequer tem consciência disso. E isto, supostamente, durante a era dourada das relações, certo? Em qualquer relação, temos muitas vezes uma noção preconcebida de uma pessoa, mesmo antes de a conhecermos. Foi então que comecei a aprofundar um pouco mais. Fiquei muito surpreendido ao descobrir tanta cobertura jornalística interessante, por exemplo, na década de 1720, sobre o Irão, sobre a Pérsia, nos jornais america-

nos. Penso que é muito difícil escrever uma história desta relação que não seja tendenciosa, de uma forma ou de outra. Toda a gente tem as suas subjetividades. O que tentei fazer foi garantir que tinha acesso a arquivos tanto no Irão, como nos EUA. Por isso, esforcei-me para tentar aceder a arquivos que não tinham sido acedidos por investigadores ocidentais. Tentei garantir que compreendíamos, em todas as fases, as razões pelas quais as decisões eram tomadas. Não temos de simpatizar com este ou aquele Governo para compreender simplesmente quais são os mecanismos de tomada de decisão e por que é que as pessoas escolhem fazer o que fazem.

Podemos dizer que no século XIX, e mesmo nas primeiras décadas do século XX, provavelmente devido a alguma falta de experiência diplomática, não só do lado do Irão, mas também do lado americano, e talvez mais do lado americano como um país novo, a história da relação entre estes dois países está muito cheia de mal-entendidos e oportunidades perdidas?

Para os EUA, o Irão simplesmente não era um país estrategicamente importante até à década de 1940. Penso que essa é a razão pela qual muitas pessoas, quando escrevem, não recuam até 1940, 1950, porque não pensam que seja muito importante. Mas o facto de a relação não ser importante para os EUA não significa que não tenha existido uma relação, que não haja algo de que falar. Essa relação foi, na verdade, extremamente importante para o Irão durante cerca de 80 ou 90 anos antes de 1940, pelo menos desde a década de 1850; um Governo iraniano após outro, sentiu que a relação com os EUA era uma prioridade extremamente importante.

Até para romper com a influência da Rússia e do Reino Unido...

Exatamente por essa razão. Havia a consciência de que o Irão estava sob o domínio destas duas potências, a Rússia a norte, a Grã-Bretanha a sul, do Golfo Pérsico e da Índia. Os iranianos sentiam que precisavam de cultivar relações com um outro país que pudesse ser utilizado para equilibrar a influência destas duas grandes potências. Tentaram diferentes possibilidades. O Império Otomano não era uma possibilidade, era uma espécie de inimigo histórico, para além de ser uma potência em declínio. Não havia muitos outros vizinhos na zona. Algumas das outras potências europeias tinham projetos semelhantes para o Irão, mas os EUA pareciam ser uma escolha óbvia. Esta potência em ascensão parecia muito pouco imperialista na sua mentalidade, era claramente o país do futuro. Tudo é muito semelhante, faz-me lembrar a forma como muitos países, nos últimos anos, tentaram cultivar melhores relações com a China. É muito semelhante à mentalidade do Irão nos Anos 1890, 1900 e 1920. Pensavam: este é o país do futuro, vai ser útil, não vamos chegar a lado nenhum com a Grã-Bretanha e a Rússia, só querem aproveitar-se de nós, etc. Os EUA tinham uma reputação muito positiva no Irão. Eram vistos como uma potência neutra em que se podia confiar, que tinha surgido numa revolução contra os britânicos. E os iranianos sentiam que os americanos compreendiam instintivamente as frustrações do Irão em relação ao Império Britânico. E, de facto, compreendiam. Na década de 1910, quando os iranianos ouviram os 14 pontos de Woodrow Wilson e os vários discursos que o presidente americano fez, sentiram que ele estava a falar diretamente para eles. Houve até um conselheiro económico, Morgan Schuster, que em 1911 foi ao Irão para ajudar a reorganizar as finanças iranianas e se tornou uma espécie de defensor revolucionário apaixonado do nacionalismo iraniano, tornando-se um herói no Irão por ter enfrentado os russos. Era essa a reputação que os americanos tinham. E foi isso, de facto, que se perdeu em 1953. Mesmo em 1951, 1952, é espantoso para mim ver nos jornais iranianos, jornais nacionalistas, jornais pró-Mossadegh, uma visão realmente positiva dos EUA em comparação com a Grã-Bretanha, por exemplo. Mas perdeu-se esse idealismo entre os EUA e o Irão.

Com a Revolução Iraniana de 1979, a crise dos reféns e tudo veio abaixo. Mas fiquei surpreendido com esta citação de Ronald Reagan, no início do seu livro, porque foi só alguns anos mais tarde. O então presidente, diz que a Revolução Iraniana é um facto, mas que entre os interesses nacionais básicos americanos e iranianos não tem de haver um conflito permanente. Isto é, de facto, politicamente muito, muito significativo...

É muito interessante e já não se ouvem presidentes americanos a falar assim. E este era um republicano, um tipo duro, alguém que chegou ao poder em 1980, literalmente no meio da crise dos reféns iranianos, quando o Irão era a coisa mais maléfica do mundo para os EUA. Prometeu lidar com os terroristas e os sequestradores de reféns de forma diferente de Jimmy Carter que, segundo ele, era demasiado brando com o Irão. Mas, assim que chegou ao poder, teve de lidar com o facto de que os reféns foram libertados por Teerão, mas havia todo um novo conjunto de reféns no Líbano sobre os quais o Irão tinha influência. E Reagan tentou fazer acordos secretos com o Irão para vender armas ao Irão, a fim de conseguir que os iranianos pressionassem os seus aliados das milícias xiitas no Líbano para libertarem os reféns americanos. Isto explodiu num escândalo, o escândalo *Irão-Contras*, em 1986. Reagan apareceu na televisão para tentar explicar aos americanos por que é que os EUA estavam a vender armas ao Irão. E fez a declaração: "A Revolução Iraniana é um facto da História, mas entre os interesses nacionais básicos americanos e iranianos não tem de haver conflito permanente." Isto foi uma espécie de aceitação tácita da revolução e da República Islâmica. Não utilizou as palavras República Islâmica, o que foi interessante. Só quando chegámos a Obama é que um presidente americano usou a expressão. Por vezes, esquecemo-nos de que um homem duro como Reagan estava aberto à ideia de trabalhar com a República Islâmica, aceitando a sua existência. E, hoje em dia, isso parece ter-se perdido.

Escreve que não há um único problema com que os EUA estejam a lidar no Médio Oriente que não possa ser atribuído, de uma forma ou de outra, à sua relação disfuncional com o Irão. Quais seriam as implicações se essa relação pudesse ser invertida?

Penso que seria um fator de mudança fundamental. Penso que, até certo ponto, era o que Obama tinha em mente em 2009, fazendo *reset* às relações dos EUA no Médio Oriente. Fundamentalmente, penso que ele queria afastar-se da dependência dos sauditas, dos israelitas e dos egípcios para uma postura americana mais diversificada no Médio Oriente, que acabasse com o antagonismo com o Irão e permitisse aos EUA começar a olhar para Leste, para a China e outros países, e afastar-se de algumas das formas em que estavam estagnados e atolados no Médio Oriente. Mas ele não foi capaz de o fazer. Descobriu que existem interesses americanos profundamente enraizados na região. O Irão está ainda mais isolado dos EUA, que estão ainda mais ligados aos israelitas, aos sauditas e a outros aliados do que alguma vez estiveram antes, e provavelmente estarão ainda mais ligados numa presidência Trump, se ele conquistar o poder em novembro. É por isso que não estou muito esperançado com a ideia de qualquer tipo de mudança nas relações entre os EUA e o Irão – penso que seria necessário algo realmente inesperado e invulgar para mudar essa dinâmica.

PAUL ELLIS / AFP

Rayner, conhecida por ser muito à esquerda, poderá divergir em certas ocasiões do novo PM.

Angela Rayner, a vice-primeira-ministra britânica que tem um "doutoramento em vida real"

REINO UNIDO Sem formação académica, mãe solteira pela primeira vez aos 16 anos, hoje com 44 a número dois do Governo trabalhista de Keir Starmer destaca-se num país onde a elite frequentou principalmente as prestigiosas universidades de Oxford e Cambridge.

Após a vitória do Partido Trabalhista nas Eleições Legislativas britânicas do passado dia 4, Angela Rayner, sem formação académica e autodenominada "Doutora em Vida Real", foi nomeada vice-primeira-ministra.

Nada indicava que esta mulher, que deixou a escola na adolescência sem diploma algum, se tornaria a número dois do Partido Trabalhista. Mas a falta de títulos académicos não a impediu de ser nomeada na sexta-feira passada como número dois do novo Governo trabalhista e ministra para o Nivelamento, Habitação e Comunidades.

Num país onde a elite britânica frequentou predominantemente as prestigiosas universidades de Oxford e Cambridge, Rayner, de 44 anos, parece uma exceção.

Cresceu em Stockport, no norte da Inglaterra, numa habitação social. Desde jovem, cuidou da mãe, que sofria de transtorno bipolar, era analfabeta e não trabalhava.

> *Angie*, como é conhecida por muitos, deixou a escola sem diploma e aos 16 anos tornou-se mãe solteira. Alguns anos depois, teve outro filho, prematuro e quase cego.

O pai estava frequentemente ausente. Durante a infância, Rayner só tomava banho quente aos domingos e, para ter refeições completas, dependia de convites para jantar na casa de amigos.

Angie, como é conhecida por muitos, deixou a escola sem diploma e aos 16 anos tornou-se mãe solteira. Alguns anos depois, teve outro filho, prematuro e quase cego. "Tenho um doutoramento na Vida Real", resumiu uma vez. "Os desafios não me derrubaram. Conheço os meus pontos fortes", acrescentou.

Angela Rayner é instantaneamente reconhecida pelo seu longo cabelo ruivo e franja, que se tornaram a sua imagem de marca, assim como o seu marcante sotaque do norte da Inglaterra.

Número dois do Partido Trabalhista desde 2020, Rayner tornou-se agora o braço-direito do novo primeiro-ministro, Keir Starmer, no Governo britânico. Rayner, conhecida por ser muito mais à esquerda, poderá divergir em certas ocasiões do seu chefe, que tem aproximado o *Labour* de posições mais ao centro.

"Arranjar carros"

Angela Rayner nunca sonhou com a política. "O meu único sonho, quando adolescente, era aprender a conduzir legalmente", disse no *podcast* The Rest is Politics. "E sei arranjar carros", acrescentou naquela ocasião.

Depois de deixar a escola, trabalhou com temas sociais, altura em que descobriu e se envolveu no sindicalismo e depois na política.

Em 2015, foi eleita deputada pelo Distrito Eleitoral de Ashton-under-Lyne, perto de Manchester. Nas bancadas do Partido Trabalhista, e muito graças à sua franqueza, subiu rapidamente, primeiro com Jeremy Corbyn, líder do partido com uma posição mais à esquerda, até 2020, e depois com Keir Starmer, mais ao centro.

Rayner está ciente de que contrasta com o seu novo chefe, um ex-advogado considerado por muitos como pouco carismático. "De certa forma, complementamo-nos", disse ao diário *The Guardian*. "Ele suaviza as minhas asperezas. Eu tiro-o da sua concha", acrescentou. Para este jornal de esquerda, Angela Rayner "é áspera, direta e aterroriza os conservadores". "Eles não sabem como interagir (comigo) porque geralmente não conhecem pessoas como eu", disse a número dois trabalhista.

Em 2020, um tabloide noticiou que deputados conservadores compararam Rayner a Sharon Stone no filme *Instinto Fatal*, afirmando que ela gostava de distrair a atenção do então primeiro-ministro Boris Johnson, cruzando e descruzando as pernas durante as perguntas ao chefe de Governo no Parlamento. Esses ataques misóginos provocaram um escândalo.

Os conservadores recentemente trouxeram à tona o passado de Rayner, acusando-a de ter dado informações falsas ao vender a sua casa em Manchester, em 2015, para evitar o pagamento de impostos. Mas a polícia, após investigação, não encontrou evidências para fazer acusações contra ela.

Rayner confessa-se particularmente entusiasmada com o seu novo trabalho no Governo. Entre as suas promessas estão acabar com os "contratos de zero horas", que não garantem um mínimo de horas remuneradas, restaurar o poder dos sindicatos e construir 1,5 milhão de casas em cinco anos. A vice-primeira-ministra do Reino Unido deseja que as novas moradias sociais sejam "bonitas, verdes" e onde as pessoas "sintam prazer em viver". **DN/AFP**

Starmer na Escócia para "reiniciar" relações

O novo primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, começou ontem na Escócia a sua visita pelas nações que formam o Reino Unido, seguindo hoje para Gales e para a Irlanda do Norte. O trabalhista, eleito na quinta-feira, quer o "reinício imediato" das relações de Londres com os diferentes Governos locais. Após o encontro com o líder do Executivo escocês, John Swinney, não quis dar pormenores sobre o que discutiram em relação aos desejos de independência da Escócia, admitindo que "há claramente diferenças de opinião entre [eles] nas questões constitucionais".

"O povo, em todo o Reino Unido, está unido por crenças partilhadas. Valores fundamentais de respeito, serviço e comunidade que nos definem como uma grande nação", disse Starmer num comunicado antes da sua viagem. "E isso começa hoje, com o reinício imediato da abordagem do meu Governo, porque uma cooperação significativa centrada no respeito será fundamental para promover mudanças em todo o nosso Reino Unido", defendeu.

Swinney, líder do Partido Nacionalista Escocês (SNP), esperava ganhar pelo menos 29 deputados e um mandato para reabrir as negociações com o Governo britânico para um novo referendo à independência, mas só elegeu nove representantes. Foi um resultado "muito, muito difícil e prejudicial" para o seu partido, disse. Após o encontro com Starmer, admitiu "visões diferentes sobre a constituição" em relação ao tema da independência, e defendeu que o SNP tem de "tirar um tempo" para analisar o tema.

Na Escócia, o primeiro encontro de Starmer foi com o líder do *Labour* local, Anas Sarwar, assim como vários dos novos deputados, com o chefe do Governo britânico a agradecer o apoio que permitiu ao partido passar de um deputado para 37 – às custas do SNP. O primeiro-ministro disse aos apoiantes que a vitória "não caiu dos céus", falando de um *Labour* que mudou nos últimos anos sob a sua liderança. E garantiu que a vitória de quinta-feira foi apenas a "primeira parte" do plano dos trabalhistas para a Escócia, com a "parte dois" a vir em 2026 – quando os escoceses vão de novo a votos para eleger um novo Parlamento e governo regionais. **S.S.**

GIL COHEN-MAGEN / AFP

"Todos somos reféns", diz o cartaz da manifestação em Telavive.

Israelitas exigem nas ruas acordo para libertar reféns e eleições: "Não vamos desistir"

GUERRA Nove meses depois do ataque do Hamas, aumenta a pressão contra Benjamin Netanyahu.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O "dia de perturbação" em Israel começou ontem às 6:29 locais, a mesma hora do início do ataque do Hamas de há nove meses, que deixou cerca de 1200 mortos no país e espoletou a guerra em Gaza, na qual já morreram mais de 38 mil pessoas. Milhares de israelitas saíram às ruas, bloqueando estradas e rodeando as casas de vários ministros, exigindo ao Governo que avance para um acordo que permita a libertação dos 116 reféns que ainda estão nas mãos do grupo terrorista palestiniano (42 dos quais já mortos) e para exigir eleições.

"Não vamos desistir", gritaram os manifestantes no segundo dia consecutivo de protestos em Telavive, naquela que foi batizada de "semana de resistência" pelos ativistas. "O Governo não se preocupa com o que as pessoas pensam e não está a fazer nada para trazer de volta as nossas irmãs e irmãos de Gaza e cuidar de nós e do que aconteceu depois do 7 de Outubro", disse uma das manifestantes, Orly Nativ, à AFP. Em Jerusalém, a polícia aumentou a segurança em torno da casa do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, após ter sido convocado um protesto para esse local.

Segundo o jornal *The Times of Israel*, pelo menos cinco pessoas foram detidas por causa dos bloqueios de estrada em Telavive, com dezenas a serem multadas, tendo uma outra pessoa ficado ferida após confrontos com a polícia em Jerusalém. Na véspera, à noite, as autoridades recorreram aos canhões de água para afastar os manifestantes.

Os protestos surgem numa altura em que decorrem negociações indiretas entre Israel e o Hamas para um cessar-fogo, que permita a libertação dos reféns. No sábado, AP e Reuters, citando responsáveis do grupo terrorista palestiniano, disseram que o Hamas teria deixado cair a exigência de que Israel se comprometesse com o final da guerra antes do início do cessar-fogo, desta forma desbloqueando um eventual acordo.

O Hamas disse ontem que está à espera da resposta de Israel. Netanyahu tem rejeitado qualquer acordo que não inclua a destruição completa do grupo terrorista, um dos seus objetivos da guerra na Faixa de Gaza. O Governo israelita enviou os seus negociadores para retomar os contactos com os mediadores – Qatar, EUA e Egito.

Apesar da aparente luz ao fundo do túnel das negociações, Israel prossegue com os seus ataques na Faixa de Gaza. O Crescente Vermelho Palestiniano disse que seis pessoas morreram, entre as quais duas crianças, num ataque a uma casa no centro do enclave palestiniano, enquanto os paramédicos reportaram pelo menos nove mortes em dois ataques na cidade de Gaza.

Enquanto isso, prosseguem os ataques cruzados na fronteira entre Israel e o Líbano. O grupo xiita libanês Hezbollah, aliado do Hamas, disparou cerca de 20 *rockets* para território israelita, alegando ter atingido três bases e, pelo menos, dois mísseis antitanque. Um soldado e dois civis, um deles de nacionalidade norte-americana, terão ficado feridos. O cidadão dos EUA, de 31 anos, estará em estado grave, estando as autoridades israelitas a investigar por que estava numa base militar israelita. Israel respondeu com um ataque contra a estrutura a partir de onde os mísseis tinham sido lançados.

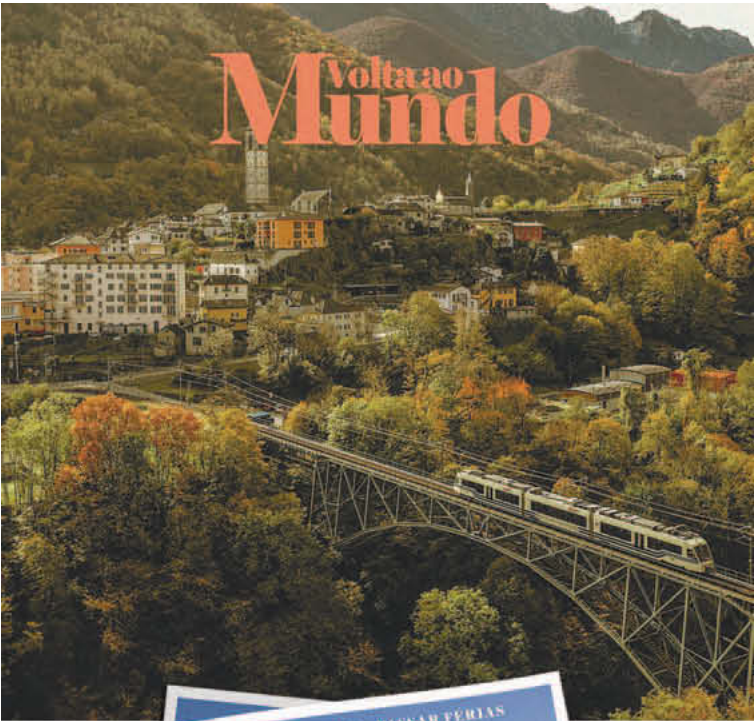
susana.f.salvador@dn.pt

BREVES

Milei dá nega a Lula mas reúne com Bolsonaro

O presidente argentino, Javier Milei, resolveu faltar à Cimeira do Mercosul, que se realiza hoje em Assunção, no Paraguai, evitando assim aquele que seria o primeiro encontro com o homólogo brasileiro, Lula da Silva, que ainda na semana passada apelidou de "perfeito dinossauro idiota". Não é o primeiro choque entre ambos – ainda na campanha Milei chamou "comunista furioso" a Lula – e o presidente brasileiro tem exigido um pedido de desculpas ao argentino, que o recusa. A nega de Milei a estar na Cimeira do Mercosul surge depois de ter passado o fim de semana em Santa Catarina, no Brasil, tendo sido um dos oradores de uma conferência conservadora ao lado do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro. Este ofereceu a Milei a "medalha dos 3 is" que costuma dar aos apoiantes: "Imorrível, Imbrochável e Incomível".

Rússia alega controlo de vila em Donetsk

A Rússia disse ontem ter capturado mais uma localidade na região ucraniana de Donetsk, anunciando a "libertação" de Chigari. Os avanços são diários, tendo no sábado Moscovo dito que tinha capturado outra pequena aldeia na mesma área. Durante a noite, um ataque ucraniano com *drones* incendiou um armazém de munições russo na região de Voronezh, próximo da fronteira entre os dois países. Os combates prosseguem em véspera da Cimeira da NATO, em Washington, com fonte da Casa Branca a admitir ser possível um encontro à margem entre o presidente norte-americano, Joe Biden, e o ucraniano, Volodymyr Zelensky. Os aliados devem comprometer-se com a ajuda continuada a Kiev, mas a questão da adesão está fora de questão. A cimeira de três dias, que começa amanhã, marca os 75 anos da NATO.

Cerimónia abriu com uma emocionante homenagem a Manuel Fernandes, que morreu na semana passada.

LIGA PORTUGAL

Sporting inicia defesa do título frente ao Rio Ave em Alvalade

I LIGA 24-25 O primeiro jogo grande é na 4.ª jornada, entre leões e dragões. Prova poderá ter um final emocionante, com Benfica a defrontar o rival lisboeta e o Sp. Braga nas últimas rondas.

TEXTO **NUNO COELHO**

O campeão Sporting vai iniciar a defesa do título recebendo o Rio Ave, no fim de semana de 10 e 11 de agosto, segundo ditou o sorteio realizado ontem no Convento do Beato, numa cerimónia organizada pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP).

Já o "vice" Benfica desloca-se ao terreno do Famalicão (onde curiosamente perdeu a hipótese de continuar a lutar pela vitória na época passada), enquanto o primeiro FC Porto sem Pinto da Costa em mais de quatro décadas arranca a sua participação frente ao Gil Vicente, no Dragão. Na época interna ao mais alto nível tem o seu pontapé de saída em Aveiro, com a realização da Supertaça Cândido de Oliveira entre os conjuntos de Rúben Amorim (vencedor da Liga) e Vítor Bruno, o sucessor de Sérgio Conceição no comando dos dragões (que conquistaram a Taça de Portugal), uma semana antes, dia 3, pelas 20.15.

Coube a Ukra, que este defeso terminou a sua longa carreira e esteve acompanhado em palco por Helena Costa e Nuno Gomes, retirar as bolas que resultaram na chave que sorteou a hipótese entre as milhares previamente definidas (como curiosidade, o "prémio" saiu no número 102 340) – as mesmas incluíam um número considerável de condicionantes, quer para proteger as equipas que participam nas provas europeias, quer para evitar que conjuntos da mesma cidade recebessem jogos na mesma ronda, entre algumas outras. E ficou assente que o primeiro jogo grande vai decorrer à 4.ª ronda, entre leões e dragões, numa altura muito complicada porque a jornada decorre exatamente quando fecha o mercado de transferências.

Já as jornadas mais "quentes" serão a 11.ª, na primeira volta, e a 28.ª, na segunda, com um duplo confronto entre os quatro principais clubes da Liga: Benfica-FC Porto e Sp. Braga-Sporting.

E a equipa orientada por Roger Schmidt terá um final de prova em cheio: na penúltima ronda recebe o Sporting (algo que aconteceu aos encarnados no primeiro ano de Amorim campeão) e na última desloca-se ao Minho para defrontar os arsenalistas.

A isto ainda se acrescenta uma receção do Sporting ao Vitória SC na 34.ª e derradeira jornada. Veremos se o novo lema da prova, *O Futebol Que Nos Une*, vai resistir a um final destes.

Taça da Liga em formato reduzido

Ficaram também definidos nesta cerimónia os confrontos da Taça da Liga, este ano com um formato mais reduzido devido às alterações nos calendários internacionais (não só a Liga dos Campeões terá mais jornadas, como Benfica e FC Porto vão participar no novo Mundial de Clubes, que decorre nos EUA, de 15 de junho a 13 de julho), o que obrigou à redução das partidas desta competição, que agora só inclui os seis primeiros classificados da última edição da Liga e os dois promovidos diretamente da Liga 2 (que a partir de agora vai denominar-se Liga 2 Meu Super).

Assim sendo, a competição vai disputar-se entre 4 e 11 de janeiro, com os seguintes jogos: Sporting-Nacional, FC Porto-Moreirense (cujos vencedores disputam a primeira meia-final a 7), Benfica-Santa Clara e Sp. Braga-Vitória SC (de onde sairá a segunda meia-final a 8), estando a decisão agendada para dia 11 em Leiria (que também acolherá as duas partidas que definem os finalistas).

Refira-se ainda que a cerimónia abriu com uma emocionante homenagem a Manuel Fernandes, antigo capitão, técnico e dirigente do Sporting (também jogou no Vitória FC, Fabril e 1º Maio Sarilhense), recentemente falecido aos 73 anos.

"É sempre bonito, porque mantém a memória dele eterna e reconhece a dimensão que ele tem no futebol português e internacional", afirmou o filho Tiago.

Coube ao jornalista Miguel Prates dar palco aos "senadores" António Oliveira e António Simões que foram falar do avançado, destacando as suas características desportivas mas, sobretudo, pessoais.

Para finalizar, registe-se ainda a entrega de alguns troféus relativos às Ligas 2023/24. O defesa Ricardo Lelo, do Casa Pia, recebeu o Troféu *Fair-Play*, enquanto o Benfica foi distinguido com três prémios: Assistências (maior taxa de ocupação no estádio), Estádio (segundo uma avaliação feita ao longo da época) e o de Futebol *#NAOPARA* (para a equipa com mais tempo útil de jogo, que o Marítimo ganhou no segundo escalão).

Já os de Melhor Relvado foram para FC Porto (I Liga) e Benfica (II Liga), enquanto o *Fair-Play* caiu para Gil Vicente (I) e Benfica (II).

dnot@dn.pt

> As jornadas mais "quentes" serão a 11.ª, na primeira volta, e a 28.ª, na segunda, com um duplo confronto entre os quatro principais clubes da Liga: Benfica-FC Porto e Sp. Braga-Sporting.

1ª JORNADA (11/8/24)
- Sp. Braga-Estrela da Amadora
- Arouca-Vit. Guimarães
- Farense-Moreirense
- AVS-Nacional
- Famalicão-Benfica
- Casa Pia-Boavista
- Sporting-Rio Ave
- FC Porto-Gil Vicente
- Estoril-Santa Clara

JOGOS GRANDES

4ª JORNADA (1/9/24)
- Sporting-FC Porto

8ª JORNADA (6/10/24)
- FC Porto-Sp. Braga

11ª JORNADA (10/11/24)
- Benfica-FC Porto
- Sp. Braga-Sporting

16ª JORNADA (29/12/24)
- Sporting-Benfica

17ª JORNADA (5/1/25)
- Benfica-Sp. Braga

21ª JORNADA (9/2/25)
- FC Porto-Sporting

25ª JORNADA (9/3/25)
- Sp. Braga-FC Porto

28ª JORNADA (6/4/25)
- FC Porto-Benfica
- Sporting-Sp. Braga

33ª JORNADA (11/5/25)
- Benfica-Sporting

34ª JORNADA (18/5/25)
- Sp. Braga-Benfica

Piloto português conseguiu o melhor resultado da época em Sachsenring.

TRACKHOUSE

Miguel Oliveira foi 6.º numa corrida com dois irmãos no pódio

MOTOGP Português cumpriu o melhor Grande Prémia da época. Bagnaia venceu e ultrapassou Jorge Martín na liderança do Mundial.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Miguel Oliveira (Aprilia) prometeu "mais um bom resultado" e cumpriu, terminando em 6.º lugar no Grande Prémio da Alemanha, nona ronda do Campeonato de Motociclismo de Velocidade, que só regressa a 4 de agosto.

"Foi um grande fim de semana. Conseguimos tempos muito competitivos, com finais muito competitivos tanto na qualificação, quanto na *sprint*. Na corrida não tivemos o que era preciso para alcançar os pilotos da frente, estavam num ritmo diferente e com níveis diferentes de aderência. É uma pena não ter conseguido mais, porque consegui pilotar bem, de maneira suave, a conseguir gerir muito bem os pneus", disse o *Falcão*, o 13.º lugar do Mundial de pilotos.

A corrida foi ganha pelo italiano Francesco Bagnaia (Ducati), que assim assumiu a liderança do Mundial de MotoGP. Os irmãos espanhóis Marc (Ducati) e Alex Márquez (Ducati) completaram o pódio. Desde o GP de Imola de 1997 que dois irmãos não terminavam no pódio na mesma corrida. Na altura, Nobuatsu Aoki (Honda) e Takuma Aoki (Honda) foram também segundo e terceiro, respetivamente.

A corrida foi marcada pela queda do espanhol Jorge Martín (Ducati) quando liderava, à entrada para a penúltima volta. Martín, líder do campeonato à partida desta prova, arrancou da *pole position*, mas viu-se atacado por Miguel Oliveira logo na primeira curva. O português foi o primeiro a chegar à curva 1, mas o espanhol respondeu de imediato retomando a liderança.

Uma posição que perderia na volta seguinte para Bagnaia, que tinha largado do terceiro lugar e terminaria em 1.º, depois da queda de Martín à volta 29. Com esse erro, entregou o comando da corrida e do campeonato ao Bicampeão do Mundo.

O piloto português partiu do segundo lugar da grelha depois de ter terminado a corrida *sprint* em segundo lugar e cortou a meta a 10,481 segundos do vencedor. Miguel Oliveira, que foi perdendo posições para as Ducati à medida que a corrida foi evoluindo, cortou a meta no sexto lugar como o melhor piloto não-Ducati.

Com estes resultados, Bagnaia passou de uma situação de ter 20 pontos de atraso no campeonato para ter 10 de vantagem para Martín. O italiano tem 222 e o espanhol ficou-se nos 212. Miguel Oliveira mantém o 13.º lugar, mas agora com 51 pontos, mais cinco do que o companheiro de equipa na Trackhouse, o espanhol Raúl Fernández. **Com LUSA**

> Piloto português da Trackhouse tinha sido 2.º classificado na corrida *sprint* e prometido mais um bom resultado para a corrida de domingo e cumpriu sendo 6.º.

EPA / PETER POWELL

Hamilton de volta às vitórias em Silverstone

Quase três anos depois, Lewis Hamilton (Mercedes) voltou a vencer uma corrida de Fórmula 1. Foi em casa, em Silverstone, que o britânico conquistou a 104.ª vitória da carreira, tornando-se o piloto com mais vitórias num só circuito ao vencer o Grande Prémio da Grã-Bretanha pela 9.ª vez. Hamilton, que vencera pela última vez na Arábia Saudita em 5 de dezembro de 2021, e não segurou as lágrimas quando subiu ao pódio, ao lado de Max Verstappen (Red Bull), que foi 2.º, e de Lando Norris (McLaren), que foi 3.º. Com os resultados da 12.ª prova do Mundial, Verstappen, Tricampeão do Mundo, alargou a vantagem no comando da classificação de pilotos, tendo agora 245 pontos, mais 84 do que o segundo da tabela, Norris.

EPA / KIM LUDBROOK

Turgis vence e Pogacar segue de amarelo

Anthony Turgis (TotalEnergies) venceu a 9.ª etapa do *Tour*, que teve parte do percurso em estradas de terra, com o esloveno Tadej Pogacar (UAE) a manter a amarela antes do dia de descanso (hoje).
O ciclista francês de 30 anos estreou-se a vencer na Volta a França no final dos 199 quilómetros, com início e final em Troyes, batendo o britânico Thomas Pidcock (INEOS) e o canadiano Derek Gee (Israel-Premier Tech), companheiros de fuga que cortaram a meta também em 04:19.43 horas.
Na geral, Pogacar manteve as diferenças para Remco Evenepoel (Soudal Quick-Step), segundo a 33 segundos, e Jonas Vingegaard (Visma-Lease a Bike), que fecha o pódio a 01.15 minutos. João Almeida segue em 6.º, Rui Costa em 33.º e Nelson Oliveira em 39.º.

Pedri perdoa Kroos por lesão

Pedri aceitou as desculpas de Toni Kroos, que fez a falta que o afastou do jogo com a Alemanha e o impede agora de continuar no Euro2024. “Isto é futebol e estas coisas acontecem. A tua carreira e o teu recorde ficam para sempre”, escreveu o médio do Barcelona nas redes sociais, onde se intitulou como “adepto” da seleção espanhola.

Pickford travou penálti com ajuda de cábula

Pickford foi determinante para a passagem de Inglaterra às meias-finais, ao defender um penálti... graças a uma cábula colada na garrafa de água. O guarda-redes inglês preparou-se para o desempate por grandes penalidades e isso incluía saber para que lado os jogadores da Suíça iam bater os penáltis e assim travar algum. Foi o que aconteceu. Como não sabia quem iria ser escolhido para marcar resolveu fazer uma cábula e foi assim que defendeu o penálti de Akanj, que apurou os ingleses para as meias-finais, onde irão jogar com os Países Baixos.

Imune a críticas Deschamps persegue feito inédito

FRANÇA O *pequeno general* cumpre hoje 12 anos à frente dos *Bleus*. Tem de eliminar a Espanha se quiser jogar a sua quarta final e poder ser o primeiro a celebrar um título europeu e mundial como jogador e treinador.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Deschamps ganhou apenas uma das três finais em que liderou a França.

EPA / ABEDIN TAHERKENAREH

Didier Deschamps cumpre hoje 12 anos no banco da França. Um caso raro de longevidade e de sucesso. Esteve em três das últimas quatro finais continentais. “Podem contar comigo para manter a seleção francesa ao mais alto nível internacional”, declarou após a renovação do contrato, depois de perder a final do Mundial2022 para a Argentina.

Uma promessa que os adeptos franceses estão prontos a cobrar-lhe neste Europeu, em que procura um feito inédito: ser Campeão Europeu e Mundial como jogador e treinador. “Isso não é uma motivação. O objetivo gira em torno da seleção francesa e do que somos capazes de alcançar”, respondeu à UEFA o selecionador francês de 55 anos.

O futebol praticado pela seleção gaulesa tem deixado a desejar. Apesar de um plantel de excelentes jogadores, a França chega às meias-finais depois de eliminar Portugal nos penáltis e agora terá de ultrapassar a Espanha, que segundo o selecionador francês é a seleção que tem jogado melhor futebol. Mas o jogo bonito não o move, interessa-lhe é vencer.

“Sou totalmente imune a tudo o que possa acontecer externamente através dos *media*, seja na TV ou na imprensa escrita, e isso dá-me tranquilidade. Se alguma vez houver pressão sobre mim, é apenas adrenalina, e só existe porque temos sucesso e conseguimos vencer”, disse o francês que é “completamente avesso a redes sociais”.

Racional e científico, o gaulês é um devorador de livros de gestão, desenvolvimento pessoal e poder da mente e foi assim que conseguiu que os atletas acreditassem que podiam ser Campeões do Mundo na Rússia, em 2018, mesmo depois de perder a final do Euro2016 para Portugal.

Nascido em Bayonne (15 de outubro de 1968), na parte basca francesa, o jogador que era conhecido como “o pequeno general”, venceu um Campeonato do Mundo (1998) e um Campeonato da Europa (2000), tendo já repetido a conquista como selecionador no Mundial2018, mas falta-lhe repetir a conquista do título europeu: “O mais importante é o que está à nossa frente.”

Para fazer história precisa vencer já amanhã a Espanha no 151.º jogo como selecionador (como jogador fez 103). E pensar que teve o pior começo dos últimos 50 anos na seleção francesa.

isaura.almeida@dn.pt

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

TODOS OS JOGOS TÊM TRANSMISSÃO NA SPORTTV

OITAVOS-DE-FINAL

PUBLICIDADE

emprego

AVISO

Torna-se público que nos termos dos art.^{os} 20.º e 21.º, da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, e do art.º 12 da Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, a Câmara Municipal da Amadora pretende selecionar um/a candidato/a para o exercício do cargo de **Chefe do Gabinete de Apoio Jurídico (GAJ) – (M/F)**, unidade com chefia a nível de direção intermédia de 2.º grau.

1. A área de atuação é a constante no n.º 8 do art.º 13.º do Regulamento Orgânico dos Serviços Municipais (republicado pelo Despacho n.º 1616/2024, publicado na 2.ª Série do DR. n.º 28, de 8 de fevereiro de 2024).

2. A indicação dos requisitos formais de provimento, da habilitação exigida, do perfil pretendido, da composição do júri, dos métodos de seleção bem como da formalização de candidaturas será publicada na BEP, no prazo de 2 dias úteis a contar da publicação do presente aviso n.º 13885/2024/2 no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 129, de 05.07.2024, o qual deve ser consultado.

3. Qualquer informação complementar poderá ser obtida pelo telefone 214 369 023/*e-mail*: recursos.humanos@cm-amadora.pt.

Amadora, 5 de julho de 2024

Por delegação de competências da Presidente da Câmara
conferida pelos despachos n.º 31/GP/2021 e n.º 49/P/2021, ambos de 2 de novembro publicados na separata n.º 34 do Boletim Municipal, de 18 de novembro de 2021
Susana Santos Nogueira

avisos, tribunais e conservatórias

ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DA AUGI 57 – CASAL DE CAMBRA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 11.º da Lei 91/95, de 2 de setembro, alterada e republicada pela Lei 70/2015, de 16 de julho, convoca-se os comproprietários do prédio integrado na Área Urbana de Génese Ilegal denominada "AUGI 57 – Casal de Cambra", em Casal de Cambra, freguesia de Casal de Cambra, concelho de Sintra, sito entre a Avenida de França, Avenida da Bulgária e Rua da Esperança, descrito na conservatória de registo predial de Queluz sob o número 632/ Casal de Cambra e inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 2772 da mesma freguesia, para uma Assembleia de Comproprietários a realizar no dia **30 de julho de 2024, pelas 17.30 horas,** na Rua de Bragança, número 1 – Edifício Sociocultural, 2.º PISO, Casal de Cambra (**Junta de Freguesia**), com a seguinte **Ordem de Trabalhos**:

PONTO ÚNICO: Início das obras de urbanização tituladas pela Licença de Loteamento 03/2024, de 29 de maio e mapa de valores de comparticipação nas mesmas.

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados proprietários em número suficiente para validamente deliberar, fica desde já marcada Segunda Assembleia para **as 18 horas, no mesmo dia e no mesmo local**, nos termos do art.º 1432.º do CC.

Casal de Cambra, 5 de julho de 2024

Pela Comissão de Administração AUGI

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» Referência NOVASBE.CT.69.2024 – 1 Assistente Técnico para exercer funções na área IT & Digital Transformation na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

» Referência NOVASBE.CT.70.2024 – 1 Técnico Superior para exercer funções na área de Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

veículos

VENDA

autos

VENDE-SE MERCEDES E300 TURBO com todos os extras, tecto abrir automático, todo em pele, cor cinzento, caixa automática. ☎ 911886474

ENCONTRE TUDO EM **CLASSIFICADOS.DN.PT**

diversos

OUTROS

VENDE-SE INSTALAÇÃO PARA FURO ARTESIANO, bomba com todos os acessórios e depósitio em aço inox de 2600 Lts e todos os acessórios em aço inox. ☎ 911886474

CLASSIFICADOS.DN CASAS
Pretende mudar de casa procure aqui **www.classificados.dn.pt**

ENCONTRE TUDO EM **CLASSIFICADOS.DN.PT**

necrologia

Servilusa ☎ 800 204 222

MARIA DE JESUS BARROSO SOARES

Nove anos de profunda saudade

A família de Maria de Jesus Barroso Soares participa a celebração de Missa pelo nono aniversário do seu falecimento e Ação de Graças. Esta cerimónia realiza-se hoje, dia 8, às 17:30 horas na Igreja Paroquial dos Santos Reis Magos, ao Campo Grande.

AGÊNCIA FUNERÁRIA MAGNO - ALVALADE

Sintra terá coleção de porcelana de brasileiro com mais de 2000 peças

ARTE A Fundação Albuquerque, no Linhó, abre as portas ao público em fevereiro do próximo ano. O proprietário é o empresário brasileiro Renato Albuquerque, que coleciona peças chinesas de cerâmica adquiridas durante quase 40 anos.

FOTOS: DIREITOS RESERVADOS

O jardim da Fundação Albuquerque receberá piqueniques e festivais.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

Um projeto ambicioso, criado por brasileiros, promete tornar o Linhó, em Sintra, um dos principais destinos culturais dos arredores de Lisboa a partir de fevereiro de 2025. A Fundação Albuquerque, que conta com mais de 2000 peças de porcelana orientais, adquiridas pelo empresário brasileiro Renato Albuquerque ao longo de sua vida, será o mais novo espaço artístico de Sintra. A relação da família com Portugal não é nova.

Na carreira, contribuiu para a construção de diversas estradas no sul do Brasil, além de ser o responsável pela idealização de Alphaville, em São Paulo, Renato Albuquerque desde cedo teve relação com Portugal. Por aqui, idealizou os bairros da Quinta da Beloura, em Sintra, e da Quinta Patiño, em Cascais. Entre idas e vindas no país, adquiriu um terreno no Linhó, usado como casa de férias da família nas últimas décadas e transformado no novo projeto mais ambicioso da região.

Em visita guiada à imprensa pelas instalações da fundação, da qual o DN Brasil participou, Mariana Albuquerque, presidente do Conselho de Administração da Fundação Albuquerque e neta do colecionador, falou sobre a trajetória de sua família e do avô. Empresário do ramo da construção, Renato Albuquerque iniciou a coleção aos 30 anos. 66 anos depois, são mais de 2000 peças de porcelana orientais reunidas pelo brasileiro, das quais "95% vieram da China", conta Mariana.

> No edifício principal, onde ficava a casa dos Albuquerque, haverá espaço para uma loja, uma biblioteca e um restaurante que "lembre um clima caseiro". Uma das prioridades dos idealizadores do projeto é também dar espaço a residências artísticas na fundação.

A ideia é expor 25% dessa coleção, iniciada de forma despretensiosa pelo avô em leilões e que se tornou objeto de fascínio do empresário.

Após começar a participar nos leilões do sul do Brasil, Renato Albuquerque passou a comprar as porcelanas nas viagens que fazia a trabalho, muitas vezes para Portugal e outros países da Europa, outras vezes para a Ásia. A coleção, que será exposta de forma inédita na fundação de Sintra, tem peças de exportação dos séculos XV a XVIII, época das dinastias imperiais Ming e Qing na China.

"O que torna essa coleção relevante é que, como ela, em mãos privadas, não há nenhuma no mundo. Ela também tem uma grande relevância para Portugal, porque algumas das peças fazem parte das primeiras encomendas que os portugueses fizeram para a China, para que fossem comercializadas na Europa. O número é discutível, mas existem, numeradas, em torno de 150 dessas peças de exportação, das quais nós temos mais de 40", conta Mariana.

A área principal do museu foi construída do zero e contará com uma exposição permanente da coleção de Albuquerque. Uma escada em forma de caracol dá acesso ao porão, onde já é possível enxergar o museu que a Fundação Albuquerque quer ter: em outra entrada, que dá para o espaçoso jardim da casa, um teto de vidro foi construído para dar mais foco às peças maiores.

Edifício que contará com a exposição permanente da fundação foi construído do zero.

Haverá também um jardim oriental tipicamente japonês, afinal, apesar de a esmagadora maioria das peças ser chinesa, outras também são de exportação do Japão. Outras não serão expostas,

Algumas das peças da coleção de porcelana oriental de Renato Albuquerque.

Mariana Albuquerque é presidente do Conselho de Administração da fundação.

mas ficarão à vista do público em uma divisão com paredes de vidro, que serve como depósito. Em outro espaço erguido do zero, a Fundação Albuquerque receberá exposições temporárias dedicadas à cerâmica contemporânea.

A área conta também com um auditório que poderá receber "*workshops*, palestras, ciclos de conferências e apresentações".

Situada entre um edifício e outro, a parte do jardim da quinta está passando por um processo de remodelação. A ideia é que se torne palco do programa de domingo de famílias e públicos de todas as idades. Mariana cogita que o restaurante venda cestas de piquenique para o espaço e já conversa com a Câmara Municipal de Sintra para a realização de festivais de música no jardim da fundação.

No edifício principal, onde ficava a casa dos Albuquerque, haverá espaço para uma loja, uma biblioteca e um restaurante que "lembre um clima caseiro". Uma das prioridades dos idealizadores do projeto foi também dar espaço a residências artísticas na fundação.

"Esse era o meu quarto", conta Mariana ao passar em uma das divisões que serão dedicadas às residências artísticas – são três no total, que também conta com um espaço de convívio e cozinha. Com foco em receber estudantes e pesquisadores de cerâmica através de um programa de *open-calls*, a iniciativa quer abrir as portas não só aos portugueses, mas também a outros países, de forma a criar uma ponte com a Ásia.

"Queremos também que algumas peças sejam emprestadas para a China, que possamos ter um diálogo com instituições públicas chinesas, até porque a coleção veio de lá. Tem também muitas peças na China que fariam sentido que estivessem em algumas exposições daqui eventualmente", completa Mariana.

Com 96 anos e "muito lúcido," segundo a neta, Renato tem vindo a Portugal a cada dois meses para acompanhar a evolução das obras na antiga casa. Mariana, advogada que reside em Londres, fica em uma ponte aérea constante com Lisboa na gestão da fundação e tem ao seu lado Jacopo Crivelli Visconti, italiano radicado em São Paulo que, além de diretor da Fundação Albuquerque, é também responsável pela curadoria da programação contemporânea. Na exposição permanente, a curadoria terá uma rotação.

"O Jacopo não é um curador de cerâmica, mas tem uma pesquisa muito profunda sobre isso E a curadoria das exposições da coleção permanente vão, em princípio, ser convidados, vamos alternar a cada exposição. Para que a gente tenha um foco também novo, fresco, mostrar cerâmica tradicional de uma outra forma, que convide um público mais jovem", afirma Mariana.

A presidente do Conselho de Administração da Fundação Albuquerque conta que o espaço terá acesso gratuito, uma vez por semana, para estudantes do Município de Sintra e visitas de escolas públicas com a presença de monitores durante todo o ano. Além do foco nas crianças, haverá espaços para iniciativas para o público da terceira idade, também com visitas guiadas.

As obras da Fundação Albuquerque iniciaram no final de 2019, tendo a pandemia de covid-19 e a guerra na Ucrânia atrasado a data inicial prevista para a inauguração, que está marcada para fevereiro de 2025. A empresa de urbanismo brasileira Bernardes Arquitetura assina o projeto.

nuno.tibirica@dn.pt

AIMA ATRASA ENVIO DE RESIDÊNCIAS

Brasileiros e outros imigrantes esperam há meses pelos títulos de residência renovados. Em alguns casos, a espera já passa dos seis meses. É o caso da brasileira Kenia R e dos filhos de 13 e 9 anos. A renovação foi efetuada no dia 18 de janeiro no Instituto dos Registos e Notariado (IRN) de Póvoa do Varzim. "Nenhum chegou até hoje", conta ao DN Brasil. Mais do que o atraso, a imigrante critica não conseguir contato para saber o motivo da demora. "Já enviei vários *e-mails*, fiz reclamação no livro amarelo, no portal das queixas e no *site* da AIMA, mas não tive nenhuma resposta", relata.

A brasileira também já efetuou milhares de ligações para contatos da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA). Em apenas um dia, foram mais de mil. A urgência tem justificativa adicional: Kenia está em tratamento oncológico e tem medo de perder o acesso ao Sistema de Saúde. A imigrante, que, como muitos, utiliza grupos nas redes sociais para troca de experiência, relata já ter visto casos de prejuízo. "Aqui em Portugal cada órgão faz o que quer, mesmo com decreto não querem saber de pessoas perdendo o Número de Utente por não ter recebido a residência atualizada", conta.

O DN Brasil recebeu relatos semelhantes, relacionados com o título da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que não possuem um mecanismo de renovação.

A brasileira diz não entender o motivo do atraso. "É muito frustrante, porque é a segunda residência eles já tem todas as informações no sistema", explica.

O atraso já foi alvo de protestos de imigrantes na sede da AIMA em Lisboa nos últimos meses. Além da demora, reclamam da falta de conseguir informações nos contatos da agência. O DN Brasil questionou a AIMA sobre o motivo dos atrasos, mas não obteve resposta.

DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um *site* com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

CORTESIA YOSHITOMO NARA FOUNDATION FOTO: RYOICHI KAWAJIRI

Esta é a primeira exposição antológica do artista japonês na Península Ibérica e inclui 128 obras de períodos diferentes.

Yoshitomo Nara, um japonês do mundo no País Basco

EXPOSIÇÃO É a maior mostra do consagrado artista japonês alguma vez vista na Península Ibérica. No Guggenheim de Bilbau, Yoshitomo Nara dá a ver 40 anos de arte, desde os tempos do fascínio pelos movimentos *pop/rock* ao ativismo pelo ambiente e pela paz.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**, EM BILBAU

A simplicidade aparente do traço não exclui a capacidade de inquietar quem olha a arte (pintura, escultura e instalação) de Yoshitomo Nara. Inaugurada na passada 6.ª feira, no Museu Guggenheim de Bilbau, esta é a primeira exposição antológica do artista japonês realizada na Península Ibérica e compreende 128 obras de períodos diferentes, a última das quais, concluída em 2023, já foi feita de propósito para esta mostra, que, do País Basco, passará a Baden-Baden, na Alemanha, e a Londres.

"Os meus primeiros trabalhos foram baseados apenas em instinto, os mais recentes já beneficiam de muitos estudos e reflexão", disse o artista na apresentação da exposição à imprensa internacional (para além dos jornalistas portugueses e espanhóis, estavam também britânicos, norte-americanos e italianos, o que dá, de algum modo, a dimensão do evento).

Na verdade, se a forma se mantém coerente dos Anos 80 até 2023, com um predomínio de figuras infantis, de género indefinido, a espessura enriqueceu-se com *apports* vários, desde o expressionismo alemão à música *punk* e *rock*. Basta, aliás, acedermos à instalação *O meu quarto de desenho* (presente na exposição) para encontrarmos a música, sobretudo dos Anos 80, que Nara transportou para o seu imaginário: Beatles, David Bowie, The Turtles, Nirvana, Rádio Futura, Clash, etc. (*ouvir no Spotify Yoshitomo Nara by Guggenheim*).

A música *pop/ rock* e *underground* parece ter estado sempre muito presente na vida do artista. Como nos conta a comissária da exposição Lucía Aguirre, e curadora do Guggenheim Bilbau, Nara nascido em 1959 nos arredores de Hirosaki, foi muito influenciado pela rádio das forças norte-americanas estacionadas no norte do Japão. "Ele próprio construiu uma rádio na sua adolescência", conta ainda a comissária.

> Nara, nascido em 1959 nos arredores de Hirosaki, foi muito influenciado pela rádio das forças norte-americanas estacionadas no norte do Japão.

Filho de um sacerdote xintoísta, o jovem Nara estudou pintura na Faculdade de Belas Artes de Aichi. Mas seriam as viagens à Europa, já nos Anos 1980, que marcariam decisivamente a sua arte e mundividência. No final dessa década, mudou-se para a Alemanha, onde viveu durante 12 anos, com viagens regulares a outras cidades europeias como Londres, Amesterdão, Londres ou à Madrid da época de ouro da movida.

Como escreve Lucía Aguirre no catálogo da mostra: "Viveu uma temporada na Berlim Ocidental descrita por Christiane F., na sua autobiografia *Os Meninos da Estação do Zoo*.

> Em 2000, regressou ao Japão natal, para uma nova etapa de vida e da obra. As influências da sua infância, nomeadamente a proximidade com a natureza própria do meio xintoísta em que cresceu, regressaram, com um bucolismo terno.

(…) O conceito do que valia a pena mudou para Nara. Tinha adquirido novas perspetivas e queria pôr em causa tudo o que aprendera até aí. Disse então: 'Ao sair do Japão dei-me conta de que ver as coisa a partir do Monte Fuji é completamente diferente de vê-las a partir do Evereste'."

Em 2000, regressou ao Japão natal, para uma nova etapa de vida e, consequentemente, da obra. As influências da sua infância, nomeadamente a proximidade com a natureza própria do meio xintoísta em que cresceu, regressaram, com um bucolismo terno. Mas, em março de 2011, o grande terramoto que assolou o leste do Japão, o *tsunami* que dele resultou e o acidente nuclear de Fukushima Daiichi têm nele um grande impacto. Adquire uma consciência nova do estado desfavorecido das zonas rurais, do ponto de vista económico e mesmo cultural, quando comparado com grandes metrópoles como Tóquio. Ao mesmo tempo que passa a promover iniciativas artísticas no campo, Nara modifica a sua própria linguagem, que se torna mais próxima do ativismo, sobretudo após a obra *From the Bomb Shelter* (2017), inspirada no filme de 1953, *Hiroshima*, de Hideo Sekigawa.

Embora a exposição não esteja organizada sob um ângulo cronológico, estas são as obras reunidas na última sala da exposição. Quadros como *Menina da Paz*, *Porta do doce lar*, *Stop the bombs* ou *Flor morta remasterizada em 2020* dão-nos conta de uma inquietação latente, bem visível nos olhos das personagens, a quem o artista conferiu sempre todo o protagonismo. Mas a obra mais impressionante deste período é talvez a instalação *Fonte da Vida*, em laca, uretano e plástico, em que um fio de lágrimas infantis corre para uma chávena gigantesca.

Esta exposição pode ser visitada até 2 de novembro e estabelece um interessante diálogo com outra mostra atualmente no Guggenheim: a da pintora Martha Jungwirth.

O DN viajou para Bilbau a convite do Museu Guggenheim

LIVROS DA SEMANA

A biografia de Camões, o poeta a quem foi diagnosticada ingratidão

Muitos biógrafos do poeta fizeram mais ficção do que um retrato real, situação de que a biógrafa Isabel Rio Novo se afastou nesta investigação gigantesca. Sem ignorar as regras da Academia, entrega aos leitores uma edição não-académica, em que fixa o inventário de uma vida.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

A ornitologia é a primeira convocação de Isabel Rio Novo na sua biografia sobre Luís de Camões, essa ave de arribação que preencheu as mais importantes páginas da literatura portuguesa e viu esvaziada a sua vida de muitas referências biográficas. Assim, logo à primeira página de *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte – Biografia de Luís Vaz de Camões*, o leitor confronta-se com o Camão, a ave que "trepa caniços e juncos mais altos em zonas húmidas de água doce, alimentando-se na orla destas", que é "distinto e enorme", de "coloração geral azul-escuro com tons púrpura e tem um bico muito robusto vermelho". Esta é a caracterização da enciclopédia das aves *eBird* para o *Porphyrio*, que já impressionara poetas clássicos, como Plínio, e que pelas bandas ibéricas era assim chamado. Daí que a biógrafa deixe logo explicado que "o apelido do poeta proveio de um topónimo [Camos – povoação da Galiza] cuja pronúncia e grafia evoluíram para *Camões*" na primeira das 728 páginas da obra recentemente lançada.

Para um país órfão de informações biográficas do seu poeta maior, esta primeira torna auspiciosa a investigação em que, finalmente, uma contemporânea avança e permite reconstituir em muito aquilo que se dizia ser impossível. Isabel Rio Novo faz questão de clarificar desde logo na *Nota Prévia* que esta não é uma "edição académica", e ainda bem porque foram raros os académicos que se ocuparam de Camões e que se preocuparam em legar uma biografia como esta, designadamente nas últimas décadas. Entre as exceções, antiga, está o biógrafo do poeta Visconde de Juromenha que, em 1860, se questionara: "Não será possível alcançar mais?" E considerou que a resposta era "mui simples: experimente-se". Foi essa a decisão de Isabel Rio Novo.

A razão para o descaso continuado relativamente a novas ou definitivas biografias sobre Camões não aconteceu por acaso. Como refere a autora: "São tantas as zonas nebulosas em redor de Camões que a dificuldade de nelas entrar têm dissuadindo as tentativas biográficas enquanto aproximação rigorosa à verdade de um indivíduo. Esse esvaziamento foi compensado, digamos, pela recriação efabulada e pela multiplicação de obras ficcionais que tomaram ou tomam Camões como protagonista."

Faz questão de relevar que a sua biografia tem como destinatário "qualquer pessoa, seja ela especialista em estudos camonianos ou simplesmente desejosa de conhecer a vida fascinante de um homem do século XVI, que é o nosso maior poeta". De quem se sabia pouco face ao muito que está escrito nesta *Fortuna*, com um amplo filtro a inúmeros trabalhos anteriores, um exame a explicações dúbias, e um avanço face a informações vagas que estão presentes na obra de Camões.

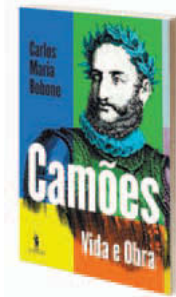
Quando se lhe pergunta se estas (des)informações foram úteis para o seu trabalho ou, pelo contrário, o dificultaram, responde: "Muitos dos que escreveram sobre Camões foram pródigos em tomar as referências da sua obra como indicações biográficas precisas. Sabemos no que isso deu. Sem falar das dificuldades de apurar o que é ou não da autoria de Camões, tratando-se de poesia, é preciso atender aos modelos imitados, às estratégias retóricas, mais tudo quanto pode ter sido fantasiado, ainda que partindo de experiências vividas ou de reflexos da memória."

Esse espelho na obra, existe. Daí que acrescente: "Se Camões não tivesse colocado na sua obra nenhum reflexo da sua vida, teria sido o primeiro escritor a fazê-lo. Há poemas datáveis, dedicados a personalidades sobre as quais há informações precisas, correspondendo, com segurança, a certos momentos históricos e a contextos."

Do que não ficam dúvidas é da responsabilidade do poeta nas muitas desventuras por que passou. Isabel Rui Novo explica: "Até certo ponto, sim, e ele próprio terá tido consciência disso, ao responsabilizar, também, os *erros seus* pela sua *perdição*. O cronista Diogo do Couto, sem se deixar toldar pela amizade que o unia ao poeta, falou da sua "natureza terríbil". Já Pedro de Mariz, o primeiro biógrafo, colocou a hipótese de que Camões tivesse "alguma propriedade natural que afastava os homens de lhe fazerem bem, insinuando que o seu biografado padeceria de "ingratidão". Em vários passos da sua vida, vemos Camões a cortar subitamente relações com alguns amigos influentes que poderiam tê-lo protegido, e que o protegeram até certo ponto, como o governador Francisco Barreto. A culpa não pode ter sido, sempre, só dos outros.

FORTUNA, CASO, TEMPO E SORTE
Isabel Rio Novo
Contraponto
728 páginas

A biografia de Camões exigiu várias viagens de Isabel Rio Novo aos locais onde o poeta esteve.

LANÇAMENTOS

CAMÕES – VIDA E OBRA
Carlos Maria Bobone
D. Quixote
413 páginas

A OBRA COMO VIDA

Conhecedor de Luís de Camões, Carlos Maria Bobone decidiu titular o seu ensaio sobre o poeta como *Vida e Obra*. Considera que "nenhum livro pode ter a pretensão de trazer a Camões alguma coisa mais interessante do que aquilo que ele já tem". Então ao que vai o autor? "Purgá-lo, mostrar os acrescentos, as especulações que os entusiasmos suscitam, para que se possa fazer justiça", defende no epílogo. Portanto, o *Vida e Obra* que escolheu é mesmo a melhor forma para descrever esta profunda leitura da *Obra*, deixando de lado a preponderância da *Vida*, na sua evocação em ano de comemoração do um hipotético nascimento em 1524. Ao confrontar-se com a impossibilidade da biografia devido à ausência de "documentos conhecidos sobre Camões", defronta-se com a "importância de o estudar", situação em que se empenha profundamente a vários níveis de análise literária, indo então beneficiar-se do que acredita ser verdade na pouca biografia do poeta. Há um juízo que vai repetindo conforme avança: "O assunto torna-se mais complexo", a que acrescenta por norma um "contudo", momento que aproveita para debater múltiplas teorias e desbastar os equívocos possíveis.

BABEL E SIÃO
Luís de Camões / Jorge de Sena
Guerra & Paz
95 páginas

DEBATE DE MESTRES

A editora que tem vindo a recuperar a obra de Jorge de Sena e a disponibilizá-la aos leitores decidiu aproveitar os seus muitos trabalhos sobre Camões para uma boa série de volumes. Desta vez é *Babel e Sião*, que reúne o poema *Sobre os rios que vão*, em que Sena estuda a redondilha inspirada no *Salmo 136 de David*, também reproduzido, bem como um conto de Sena, *Super Flumina Babylonis*. Ou seja, um volume imprescindível para compreender Camões através do diálogo que Jorge de Sena mantém com o poeta.

Opinião
Rui Vieira Nery

Uma portugalidade universal

Desde que em 1952 cantou pela primeira vez nos Estados Unidos, no La Vie en Rose, um dos clubes noturnos mais elegantes de Nova Iorque, Amália conquistou de imediato o público norte-americano. E esse sucesso renovar-se-ia sempre que voltou a apresentar-se naquele país, em particular quando, nas duas décadas seguintes, triunfou em algumas das salas americanas de maior prestígio mundial, do Hollywood Bowl de Los Angeles ao Lincoln Center ou ao Carnegie Hall de Nova Iorque.

No que respeita à escolha do repertório, no caso da América, Amália seguiu, em geral, o mesmo modelo que adotava nos demais países: uma combinação livre de fados tradicionais, dos fados-canção que Frederico Valério lhe escrevera para o teatro na década de 1940, de cantigas das músicas tradicionais rurais portuguesas e das canções em várias línguas que ia aprendendo ao longo das suas viagens, incluindo, neste caso, alguns sucessos da Broadway e de Hollywood, no inglês original.

Em 1965 Amália gravou nos estúdios de Paço d'Arcos da Valentim de Carvalho dois LP com um repertório que contrastava abertamente com a sua discografia anterior. O primeiro era um álbum intitulado *Amália Canta Portugal*, preenchido por 12 canções tradicionais portuguesas em versões orquestradas por Joaquim Luís Gomes. Mais tarde viria a gravar outros dois discos com o mesmo título, um deles ainda com orquestra, em 1967, o outro só com guitarras, já em 1972. Os três álbuns reuniam uma seleção de cantigas das tradições musicais rural de norte a sul do país, algumas extraídas das recolhas folclóricas de Alexandre Rey Colaço e outros etnógrafos, outras sugeridas por Hugo Ribeiro, o técnico de som que habitualmente fazia as gravações de Amália, outras ainda extraídas das suas memórias de infância, quando as ouvia à mãe e às tias, tanto na casa de Lisboa como nas suas estadias na Beira Baixa, de onde a família tinha emigrado para a capital.

Quando em 1966 foi convidada pelo maestro André Kostelanetz para ser a solista em dois grandes concertos sinfónicos, o primeiro com a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque e o segundo com a de Los Angeles, a disponibilidade das orquestrações de Joaquim Luís Gomes permitiu-lhe dedicar, em ambos os casos, a primeira parte do programa precisamente a estas cantigas em versão orquestral, sendo a segunda parte reservada para uma seleção de fados acompanhados pelo Conjunto de Guitarras de Raul Nery. O sucesso, junto do público e da crítica, foi esmagador.

O segundo álbum de 1965, que viria a receber o título *Amália na Broadway* e acabaria por ser editado apenas em 1984, tinha também ele um caráter surpreendente. Com direção e orquestrações do maestro inglês Norrie Paramour, Amália interpretava algumas das suas canções favoritas do chamado *Great American Songbook* – o nome que nos Estados Unidos se dá aos títulos mais consagrados nos palcos da Broadway e nos estúdios de Hollywood.

Seria o caso de duas obras de Jerome Kern (*All the Things You Are*, com letra de Oscar Hammerstein II, e *Long Ago and Far Away*, com poema de Ira Gershwin), de *The Nearness of You*, de Hoaggy Carmichael, de *I Can't Begin to Tell You*, de James Monaco e Mack Gordon, e de dois títulos particularmente emblemáticos, o *Blue Moon* de Richard Rodgers e Lorenz Hart, e o *Summertime*, da ópera *Porgy and Bess* de George e Ira Gershwin.

A este repertório americano juntavam-se três peças portuguesas: dois fados-canção de Frederico Valério, o *Ai, Mouraria*, que o compositor escrevera para ela em 1945, no Rio de Janeiro, e *Amália*, uma das suas primeiras gravações lisboetas de 1951-52, e ainda *Solidão*, a nova versão da *Canção do Mar*, de Ferrer Trindade, com uma letra de David Mourão-Ferreira especialmente escrita para o filme *Les Amants du Tage*, de 1955.

Amália gostava de dizer que cantava "tudo o que lhe sabia a Fado", e na realidade percebe-se em todo o seu legado gravado uma vocalidade, uma expressão emocional e uma entrega intrinsecamente fadistas que unificam, num mesmo registo, repertórios de origens dispersas, reunidos apenas por uma escolha pessoal sem outro critério fixo que não o do gosto e da intuição. Mas, por outro lado, quase que contraditoriamente,

Amália tinha uma facilidade quase camaleónica para captar sotaques e traços interpretativos próprios de cada língua e de cada tradição lírica que visitava, à medida que a sua carreira lhe ia permitindo descobrir outros mundos, outros povos e outras culturas.

"Amália tinha uma facilidade quase camaleónica para captar sotaques e traços interpretativos próprios de cada língua e de cada tradição lírica que visitava, à medida que a sua carreira lhe ia permitindo descobrir outros mundos, outros povos e outras culturas."

Este programa, feito das cantigas tradicionais portuguesas que cantou com algumas das maiores orquestras dos Estados Unidos e das canções norte-americanas que decidiu gravar com uma orquestra portuguesa, é, por conseguinte, uma homenagem às pontes de afeto profundo que soube construir com a América, afirmando, também aqui, a sua condição única de expoente de uma portugalidade universal que parece dar corpo à célebre definição de Miguel Torga: "o universal é o local sem paredes."

Musicólogo

Martim Galamba, ao centro, com Rúben Madureira e Sissi Martins, o trio de fundadores da MTL.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Bernadette Peters

Conversa com Bernadette Peters abre o *Broadway em Lisboa 2024*

ESPETÁCULO Durante uma semana, a capital portuguesa vai parecer um pouco de Nova Iorque do ponto de vista musical, pois haverá estrelas da Broadway a atuar em vários pontos da cidade.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Quem gosta tanto de teatro musical que é capaz de andar a poupar para uma viagem a Nova Iorque só por causa das peças na Broadway tem agora boas razões para não sair de Lisboa na semana que começa a 15 de julho. Como noticiou a revista *Playbill*, "*Bernadette Peters, Gavin Creel , Keala Settle to Headline 2024 Broadway in Lisbon*". De novo grandes nomes do teatro musical americano vêm a Portugal (Creel foi, entretanto, substituído por Will Swenson), e quando digo de novo é porque no ano passado estiveram cá algumas estrelas da Broadway, incluindo Audra McDonald, protagonista de musicais como *Porgy and Bess* e vencedora recordista de seis *Tony Awards*, que entrevistei então para o DN.

Por trás de tudo está uma vez mais Martim Galamba, que desafia o público português a aderir: "O *Broadway em Lisboa 2024* é um marco significativo de um novo capítulo do Teatro Musical em Portugal. Hoje, a maior indústria de artes performativas do mundo, a Broadway, sabe o que a MTL está a fazer em Lisboa e, pela primeira vez, reconhece que em Portugal se pode fazer Teatro Musical. Falamos de produtores, empresários e criadores de uma indústria que gera mais riqueza do que todas as equipas desportivas do Estado de Nova Iorque juntas".

MTL significa Music Theater Lisbon, fundada há dois anos por Martim Galamba juntamente com Sissi Martins, da qual foi aluno, e Rúben Madureira. Nesta sua missão de criar uma indústria de Teatro Musical em Portugal, a MTL contou, no ano do lançamento, com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos.

"O evento deste ano coloca o país na rota internacional dos grandes eventos culturais. Para Portugal é uma mostra de oportunidade do surgimento de uma nova dinâmica na cultura que venha a impactar toda uma comunidade. Para o público português é uma oportunidade de ver e conhecer alguns dos mais aclamados artistas da área. Para os artistas nacionais é a oportunidade de aprenderem e trabalharem com os melhores. Este contacto permitirá elevar a qualidade do que aqui se faz e poderá projetar criações e talento nacional além-fronteiras", diz Martim Galamba, lisboeta de 29 anos, formado em Direito pela Universidade Nova de Lisboa, mas que esteve três anos em Nova Iorque a estudar Musical Theatre, na American Musical and Dramatic Academy.

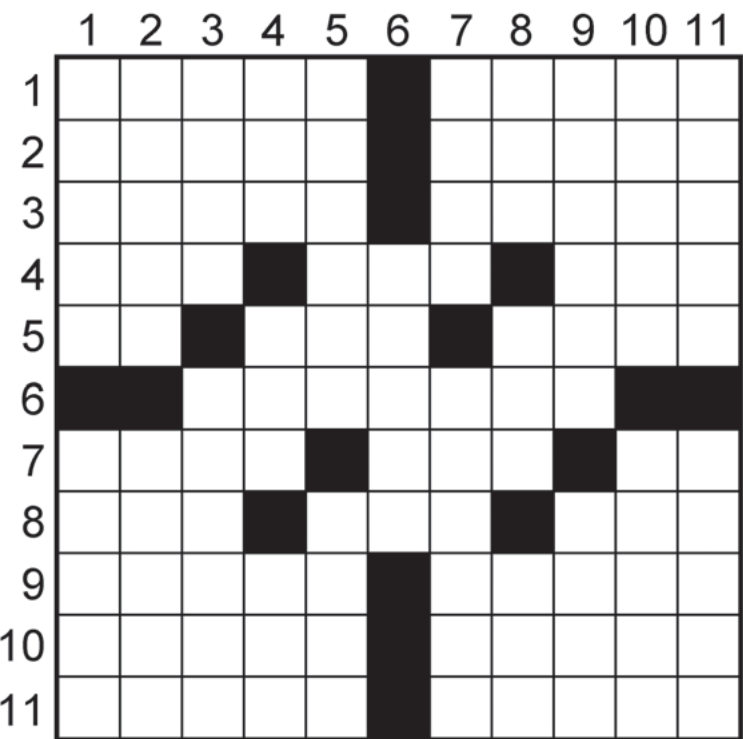
Primeira edição do *Broadway no Parque* foi em 2023 nos jardins do Museu do Teatro, em Lisboa.

Conheci o fundador da MTL quando quis entrevistar Rob McClure, outra figura da Broadway que trouxe a Portugal. É um ator empenhado, mas também um empresário dinâmico, que não esconde que está a fazer aquilo que sempre sonhou, apesar de hesitações na adolescência, quando todos alertavam para a instabilidade da vida artística.

"Com 3 anos ia à ópera, ao *ballet* ou ao teatro com a minha avó e os meus pais. Não sei se eram eles que me puxavam ou se era quase eu que os obrigava a irem comigo. Simplesmente adorava. Em casa, as brincadeiras passavam por criar espetáculos, sobretudo num caixote de madeira feito pela minha mãe e que fazia as vezes de Teatro", contou-me em tempos este português que se transformou quase em sinónimo de Broadway na versão portuguesa.

Recorro ao programa divulgado para dar uma ideia da ambição da MTL com esta edição de 2024 do *Broadway em Lisboa*, que é apoiada pela Câmara de Lisboa e pelo Turismo de Portugal. Assim: a 15 julho, às 21.00, no Capitólio, temos a noite de abertura com Bernadette Peters, celebração da vida e carreira da atriz, com dois momentos musicais interpretados por Sissi Martins, Rúben Madureira e outros artistas nacionais, revisitando espetáculos da americana. Haverá um conversa com a artista, aberta a dado momento ao público presente. Nos dias 19 e 20, às 21.00, no Jardim do Torel, acontece o espetáculo *Broadway no Parque*, reunindo em palco atores, cantores e bailarinos portugueses, e também Keala Settle, numa celebração do Teatro Musical, incluindo alguns temas célebres. Além destes momentos há, a 16, às 21.00, o evento *O Artista da Broadway que nunca fui*, por Luís David com Sissi Martins e Rúben Madureira, no Auditório Biblioteca Orlando Ribeiro. A 18, às 20.00, no mesmo local, acontece uma *Talk* com Will Swenson. Também a 18, no mesmo local, mas de manhã, haverá uma *masterclass* com Philip Himberg. E de 19 a 21, das 10.00 às 14.30, novamente no Auditório Biblioteca Orlando Ribeiro, decorre um *workshop* de Will Swenson com artistas portugueses e estrangeiros, com acompanhamento ao piano por Carlos Meireles. O *workshop* e a *masterclass* estão já esgotados, mas para os outros eventos os bilhetes podem ser adquiridos *online* e nos locais habituais.

No ano passado, além da edição de estreia do *Broadway em Lisboa*, a MTL avançou com a sua primeira produção de um musical, o clássico de Natal *Annie*, que foi um êxito.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Querida. Dinheiro (gíria). **2.** Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Adjunto. **3.** No meio de. Satisfazer o que se deve. **4.** Aperto com nó. Prefixo (novo). Molécula portadora da informação hereditária. **5.** Rádio (símbolo químico). Senão. Elemento de formação de palavras com o significado de ideia. **6.** Alegre. **7.** Tombou. Raiva. Computador Pessoal. **8.** Organização Mundial de Saúde. Opinião política (figurado). (...) Eanes, foi o primeiro navegador a dobrar o Cabo Bojador, em 1434. **9.** Bebida espirituosa. Deixa só. **10.** Desconto. Conquistar. **11.** Triturar. Fruto silvestre.

Verticais:
1. Pôr a pé. Grudar. **2.** Cobertor de cama. Protozoário unicelular aquático. **3.** Elevado. Que diz respeito ao fisco ou à fiscalização. **4.** Sofrimento. Que me pertence. Base aérea portuguesa. **5.** Somente. Acreditar. **6.** Verão. 7. Estômago (figurado). Exaspera. **8.** Viagem. Imposto sobre o Valor Acrescentado. Ruído. **9.** Unido. Divisão natural da polpa de certos frutos. **10.** Anos de vida. Coluna que sustenta uma construção. **11.** Tépido. Albumina que envolve a gema do ovo.

SUDOKU

		3		4	2			8
	1					6	2	
4			8	5			3	
	6		2					9
		7		3		5		
	5				1		7	3
5			7			4		1
	2		4		8		6	
1		8		6		7		

SOLUÇÕES

6	7	3	1	4	2	9	5	8
8	1	5	3	9	7	6	2	4
4	9	2	8	5	6	1	3	7
3	6	1	2	7	5	8	4	9
2	8	7	9	3	4	5	1	6
9	5	4	6	8	1	2	7	3
5	3	6	7	2	9	4	8	1
7	2	9	4	1	8	3	6	5
1	4	8	5	6	3	7	9	2

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Amada. Pilim. 2. PALOP. Adido. 3. Entre. Pagar. 4. Ato. Neo. ADN. 5. Ra. Mas. Ideo. 6. Festivo. 7. Caiu. Ira. PC. 8. OMS. Cor. Gil. 9. Licor. Isola. 10. Abate. Tomar. 11. Ralar. Amora.
Verticais:
1. Apear. Colar. 2. Manta. Amiba. 3. Alto. Fiscal. 4. Dor. Meu. Ota. 5. Apenas. Crer. 6. Estio. 7. Papo. Irrita. 8. Ida. IVA. Som. 9. Ligado. Gomo. 10. Idade. Pilar. 11. Morno. Clara.

Serão cinco dias em que vinho e música estabelecem uma relação estreita.

Na adega para assistir a concertos e degustar vinhos

FESTIVAL O *EA Live* regressa a Évora, mais precisamente à Adega Cartuxa, durante dois fins de semana e mais um dia. Oportunidade para ouvir Mariza, GNR ou José Cid num festival de conforto, sem pó, sem filas e com um copo de vinho na mão.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

O edifício original da Adega Cartuxa, na Quinta de Valbom, datado do século XVI – local onde até 2007 se produziam todos os vinhos da propriedade, incluindo o Pêra Manca –, será dentro de dias o cenário de mais um *EA Live Évora*, evento que dá a oportunidade de assistir ao vivo a concertos de artistas de renome ao mesmo tempo que se saboreiam vinhos. É, nas palavras de João Teixeira, diretor Comercial da Adega Cartuxa, um "festival de conforto", sem filas, sem pó, com o público sentado ao ar livre, a degustar algumas especialidades da casa.

Nos dias 12, 13, 18, 19 e 20, entre as vinhas e a Adega Cartuxa, haverá espetáculos com Os Quatro e Meia, José Cid, Miguel Araújo, tendo por convidados especiais António Zambujo, Mariza e GNR, respetivamente. Além destes, subirão ao palco alguns artistas emergentes e, a terminar cada noite, haverá festa com diversos DJ da Rádio Comercial. Capaz de receber 1400 pessoas por noite com lugares marcados, resta apenas uma data com bilhetes disponíveis: dia 13, um sábado que terá José Cid como cabeça de cartaz. Cada pessoa recebe um *kit* composto por copo e três vinhos EA à escolha.

O espaço tem capacidade para receber 1400 pessoas por noite.

Cinco dias em que vinho e música estabelecem uma relação estreita para, uma vez mais, ir ao encontro de uma das missões da Fundação Eugénio de Almeida – desenvolver a cultura –, ao mesmo tempo que se promove uma das marcas da Adega Cartuxa. "Tudo começou em 2016 com a tentativa, que se veio a confirmar como bem-sucedida, de se fazer uma extensão da marca EA", lembra João Teixeira. Nesse ano, cinco artistas foram convidados a provar vinhos da Cartuxa e a traduzi-los em arte. Os músicos Dead Combo, a escritora Matilde Campilho, o artista plástico Pantónio, o fotógrafo Luís Mileu e a coreógrafa Né Barros criaram então aquele que viria a ser o primeiro passo para o *EA Live*. Um ano depois, a iniciativa já esteve completamente focada na música, estratégia que se manteve nos anos seguintes, com incursões a outras paragens, nomeadamente ao Coliseu de Lisboa.

Veio depois a pausa obrigatória para a pandemia e, em 2021, o *EA Live* teve licença para juntar 600 pessoas quando as restrições ainda eram apertadas. "Foi o único a acontecer no panorama musical num ano em que não houve festivais", lembra João Teixeira. Hoje, o responsável Comercial da Adega Cartuxa não tem dúvidas: "O *EA Live* é algo emblemático para a sociedade de Évora e para o Alentejo, mas já se expandiu, já ultrapassou estas fronteiras."

À medida que o festival foi ganhando espaço no panorama musical também o vinho EA foi crescendo, com a produção a atingir atualmente cerca de dois milhões e meio de garrafas, entre as versões branco, tinto e rosé. "Apesar de haver marcas com mais notoriedade, como o Pêra Manca, o EA é um dos mais importantes no portefólio da Adega Cartuxa, na medida em que são vinhos mais democráticos e chegam a todos os consumidores", afirma João Teixeira, garantindo como ganha a aposta recente em aproximar esta marca, que estava "um pouco envelhecida", de um público mais jovem. Além disso, repara, todo o lucro da EA é transformado em lucro social, revertendo para o desenvolvimento da região de Évora.

A adega onde acontece o *EA Live* é um dos espaços de enoturismo da Adega Cartuxa, o qual, no ano passado, registou mais de 30 mil visitas. Já este ano, passou a contar com um novo espaço de enoturismo, o Páteo Cartuxa, no Páteo de São Miguel, não muito longe do restaurante Enoteca.

A adega onde acontece o EA Live é um dos espaços de enoturismo da Cartuxa, o qual, no ano passado, registou mais de 30 mil visitas.

Diario de Noticias

POLITICA FRANCESA

Questões graves que começam a embaraçar o govêrno

MISSÃO DE ESTUDO NOS AÇORES

COMO SE TRABALHA EM S. MIGUEL

Alguns exemplos que demonstram a independencia economica das ilhas

O NOVO GOVÊRNO

REALIZARAM-SE ONTEM OS ACTOS DE POSSE dos actuais ministros

A CRUZADA DA ESMOLA

O AUXILIO ÁS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE

A beneficencia da Misericordia de Lisboa

NO BRASIL

O BANQUETE

GUERRA JUNQUEIRO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 8 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

O NOVO GOVÊRNO

REALIZARAM-SE ONTEM OS ACTOS DE POSSE

dos actuais ministros

O ministerio reuniu-se em seguida para assentar nos termos da declaração a ler amanhã ao parlamento

(Do nosso correspondente particul

A CRUZADA DA ESMOLA

O AUXILIO ÁS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE

A beneficencia da Misericordia de Lisboa

Dar esmola é sempre um prazer. Faz bem á alma. Quem dá, recebe da propria consciencia a recompensa do seu obolo. A's vezes surgem duvidas acêrca da pobreza do beneficiado ou da boa aplicação do que se lhe ofertou.

Aparecem de longe a longe, no noticiario dos jornais, casos repugnantes de falsos pobres que exploram a caridade publica, tendo amealhado em humilde tugurio uma pequenina fortuna.

Para alguns, a mendicidade é um negocio; embora para outros seja o meio indispensavel de obter o pão de cada dia!

Quais os verdadeiros e quais os criminosos — porque o são deveras — que abusam dos ingenuos caritativos, sempre prontos a acudir á desgraça alheia?

E' dificil a destrinça nos grandes centros, onde a população abunda e nem sempre se conhece a vida de cada um.

Mas a intenção é tudo. Antes dar esmola a quem não a mereça do que negá-la, por temerario receio, a quem dela precisa. Ha, no entanto, uma maneira simples e pratica de ajudar a pobreza, livre de suspeitas quanto á sua justiça e aplicação: é o auxilio a quaisquer institutos de caridade, de honradez comprovada e garantida, que não só conhecem os pobres, mas se acautelam devidamente, antes de distribuir o obolo aos infelizes.

Na vanguarda desses institutos encontram-se, por direito de origem e por direito de conquista, as Misericordias. São a caridade organizada, abrangendo-a em todos os seus ramos de desventura. Entrelaçam a sua gloriosa historia com as mais scintilantes glorias da Patria Portuguesa.

Confundem-se, até, com os nossos destinos, e o seu organismo está de tal maneira identificado com o país, que afecta, sem a menor duvida, a propria economia nacional.

Já tiveram muito as Misericordias, que hoje lutam com a escassez de meios para o leal cumprimento da sua missão. Não esmorecem: fazem o que podem, sendo digno de relevo o movimento, deveras notavel, do posto medico da Misericordia de Lisboa, durante o findo mês de junho.

Ei-lo:

Consultas a protegidos do estabelecimento: adultos, 128; crianças, 75; vacinações, 17.

A estranhos: 3945; operações de alta cirurgia, 6; vacinações, 191; atestados, 118.

Clinica dentaria: consultas, 295; extracções de dentes, 362; exames por meio de raios X, 2.

Fizeram-se pensos e curativos a 108 protegidos habituais e 3:355 a estranhos.

Atingiu a mais de 8.000$00, distribuidos por cêrca de 5.000 pessoas, a verba de subsidios para rendas de casa distribuidas hoje pela Misericordia de Lisboa.

A maioria dos contemplados que ali vão todos os dias 4 de cada mês receber esses subsidios, quasi todos de 5$00, compõe-se de cegos, aleijados e septuagenarios de ambos os sexos.

Isto é o que se passa aqui na capital, faltando-nos bases para a resenha do que se faz na provincia, onde a Santa Casa não possui os elementos de que dispõe em Lisboa.

Pode alguem hesitar no seu concurso a favor duma casa de caridade que, vencendo todos os obstaculos, cumpre os seus deveres de assistencia á pobreza desvalida?

Seria injuria pensar na negativa.

Cegos, aleijados e septuagenarios, infelizes para quem a vida é um tormento ou uma saudade sem outro prisma além do tumulo, na Misericordia encontram abrigo na sua desdita!

Uns não distinguem a luz do dia, para eles só existem trevas que levam ao desespero; outros, mutilados no corpo, tendo o dom da visão, mas para admirar a felicidade alheia! E ainda os velhinhos, que trabalharam enquanto tinham forças e hoje necessitam do auxilio da caridade!...

A todos vale a Misericordia, que, se mais não faz, é porque mais não pode.

E' preciso que se não olvidem as suas benemerencias. Obriga-o a razão e obriga-o o coração. E quando a razão e o coração se harmonizam, não ouvir a sua voz é mais do que egoismo revoltante: é um crime!

(Continua na 2.ª pagina)

MISSÃO DE ESTUDO AOS AÇORES

COMO SE TRABALHA EM S. MIGUEL

Alguns exemplos que demonstram a independencia economica das ilhas

(Do nosso enviado especial aos Açores)

E' bom acentuá-lo desde já: os Açôres não precisam absolutamente nada, para a sua vida economica, do auxilio do continente. Trabalham e bastam-se a si proprias as formosissimas ilhas adjacentes, que muita gente aqui supõe situadas a poucas milhas de Lisboa, tendo ainda a vaga ideia de que produzem ananazes, bananas e... as obras de vime da Madeira.

Pelo contrario, o continente é que precisa delas, do seu gado, por exemplo, que nós comemos em bifes duros e caros, depois de préviamente emagrecidos e doentes os bois, de um transporte de alguns dias por mar feito em condições absolutamente improprias, e precisaria ainda do seu açucar de beterraba, para apenas citar este produto, se o não consumissem todo os simpaticos ilheus.

Este exemplo do açucar, preciosissimo alimento, é bem frisante do nobre esforço de trabalho, inteligente e persistente, que tanto caracteriza os açoreanos. Bastará dizer que, quando foi proibida a exportação de alcool para o continente por leis tendentes apenas a defender os interesses da nossa viticultura, os proprietarios das fabricas de alcool de S. Miguel não perderam o seu tempo e logo trataram de realizar a união de todas essas fabricas para a exploração de uma nova industria, escolhendo a da extracção de açucar da beterraba por terem conhecimento da perfeita adaptação desta cultura ao seu meio agricola. Assim nasceu a União das Fabricas Açoreanas de Alcool, e de 1906 até agora, sem interrupção alguma, se tem cultivado a beterraba sacarina em 1.000 hectares de terrenos em S. Miguel, em terras baixas á beira-mar e nas terras altas e interiores. Só a falta de meios de transporte, rapidos e economicos, tem impedido maior expansão desta cultura preciosa, hoje ensaiada em todos os terrenos da ilha.

Uma das fabricas, que visitei, a de Santa Clara, em Ponta Delgada, póde considerar-se modelar em materia de maquinismos e sistema de trabalho. Ocupam os seus edificios uma área de 28.000 metros quadrados, e o processo de fabricação pode resumir-se assim: a extracção do açucar é feita pela difusão seguida de defecação pela cal e de duas carbonatações e filtrações. Os sucos filtrados são em seguida concentrados num quadruplo-efeito e depois de sulfitados e novamente filtrados, passam aos aparelhos de cozer no vacuo para serem depois turbinados. Por sua vez, como produtos de fabricação, distila-se o melaço na fabrica da Lagôa, tambem pertença da União, aproveita-se a polpa sêca da beterraba para alimento do gado e os residuos calcareos para adubo das terras. Nada se perde.

Não cabem aqui, nos estreitos limites destas cronicas, mais pormenorizados informes sobre tão curiosa industria agricola. Reservo-os para uma proxima conferencia sobre a vida açoreana, particularmente destinada aos que mais se interessam por estes assuntos.

E' que, meus amigos, a missão de estudo não perdeu o seu tempo. Longe de politica e politiquices, em que pése ao governador substituto de Ponta Delgada que em tudo pretendeu erradamente descobrir propaganda contra o regime, ela limitou-se a vêr, a observar, a interrogar e a comentar. Nada mais. O resto, o que levou aquela autoridade a forçar um ministro a demitir e suspender funcionarios, entre eles o sabio e honrado professor dr. Aristides da Mota, só porque nos souberam receber com galhardia, é ainda assunto para mais largo ajuste de contas nessa conferencia em que trabalho.

Adiante...

Fabricas de linho, de tabaco, de fibra de espadana para cordame, de blocos de cimento para construções, de aparelhamento e serração de madeiras, de cerveja, de cortumes, de lacticinios, toda esta organização maravilhosa, inteligente e disciplinada do trabalho açoreano é coisa muito digna de vêr e aplaudir e até de impôr como um grande e nobre exemplo a seguir.

Greves? Não ha.

Constantes reclamações de aumento de salarios e diminuição de horas de trabalho, tambem não ha.

Cada qual produz o mais e o melhor que póde e sabe.

Cada qual sente-se feliz ganhando honradamente o seu pão, e a vida açoreana prossegue activamente na mais invejavel e cubiçada paz do Senhor...

Entretanto o Terreiro do Paço continua a ignorar as ilhas, e com ele todos nós as ignoramos. Deixa-lhes arruinar os portos, não lhes acende os farois, não lhes concerta as estradas, não lhes concede a autonomia administrativa a que têm legitimo direito, não lhes dá postos de telegrafia sem fios, mas cobra-lhe os impostos e demite-lhe os regedores e os professores que se permitiram ser bem educados, provando que sabiam receber condignamente os seus hospedes!

* * *

A' firma Bensaude & C.ª deve ainda a ilha de S. Miguel os maiores auxilios. Deve-lhe poderoso auxilio a propriedade e a agricultura, ontem com a já morta exportação da laranja, que foi uma grande fonte de riqueza da ilha, hoje com a expansão da cultura da batata dôce para fabricação alcoolica e da beterraba sacarina.

Um aspecto do porto artificial de Ponta Delgada

Deve-lhe o porto artificial de Ponta Delgada em grande parte o seu movimento, porque o tornou conhecido numa constante e dispendiosa propaganda de 60 anos, atraindo ali a navegação, já devido a esta propaganda, já devido á dotação do porto, a exclusivas expensas suas, de todos os materiais modernos necessarios á navegação. Deve-lhe ainda a ilha socorros pecuniarios avultadissimos á sua população indigente e auxilios importantes em obras beneficentes. Porque a caridade no arquipelago açoreano, leitores, é tambem um facto digno de estudo, digno de uma atenta e comovida analise.

Entretanto o Terreiro do Paço...

...Necessita o molhe de Ponta Delgada de grandes reparações, ultimamente criou-se uma Junta Autonoma, mas em virtude do Estado ha muito não dar dotações para a doca, os trabalhos estão paralizados, com risco de se arruinar o molhe por falta de quebra-mar numa boa parte dele. A Junta iniciou esses trabalhos, é certo, mas não lhes póde dar expansão por não lhe terem sido ainda entregues as receitas que por lei especial lhe ficaram pertencendo. E lá continua o molhe á mercê do primeiro temporal mais violento que o arraze de vez!

J'en passe...

O. C.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS / LUSA

50 pessoas manifestam-se em Lisboa por Cláudia Simões

Cerca de 50 de pessoas protestaram ontem, em Lisboa, contra "o racismo institucional e estrutural" em Portugal, a propósito da sentença atribuída a Cláudia Simões por ter mordido um agente policial depois de este a ter agredido. Vestidas de branco e de punhos fechados e erguidos, os manifestantes, a maioria mulheres negras, participaram no "ato de solidariedade" com Cláudia Simões. O caso remonta a 19 de janeiro de 2020, numa paragem de autocarro na Amadora, quando Cláudia Simões, cozinheira, se envolveu numa discussão entre passageiros e o motorista de um autocarro da empresa Vimeca, pelo facto de a sua filha, à data com 8 anos, se ter esquecido do passe.

Albuquerque admite aumento da despesa mas sem "drama"

MADEIRA Presidente do Governo Regional garante que medidas acordadas com Chega, CDS-PP, IL e PAN não põem em causa sustentabilidade das contas.

O presidente do Governo da Madeira, Miguel Albuquerque, admitiu ontem que o Orçamento da Região para 2024, cuja proposta será entregue hoje no Parlamento Regional, prevê um aumento da despesa por incorporar medidas da oposição, mas garante que a sustentabilidade da região não é posta em causa.

"Há um aumento da despesa, sim, mas sempre dentro de um quadro de sustentabilidade", declarou o chefe do Executivo minoritário social-democrata, para depois reforçar: "Todas as medidas que nós consensualizámos são medidas que estão dentro do quadro de sustentabilidade. Nós não entramos em situações de irresponsabilidade."

Miguel Albuquerque falava aos jornalistas em Santana, na costa norte da Ilha da Madeira, à margem da cerimónia de encerramento da 39.ª edição do *Festival Regional de Folclore – 24 Horas a Bailar*, que este ano contou com a participação de 22 grupos.

Entre as medidas incorporadas no Orçamento após negociações com o Chega, o CDS-PP, a IL e o PAN, o governante destacou a criação de um Gabinete Anticorrupção, atualizações salariais ao nível das carreiras da Função Pública, o reforço do Complemento Social para Idosos e o desagravamento fiscal, nomeadamente com a redução da taxa mínima do IVA de 5% para 4%.

"No quadro geral, será um Orçamento que vai dar início ao cumprimento daquilo que eram os nossos objetivos para a legislatura", disse governante insular, adiantando que existem "todas as condições" para aprovar o documento.

"Acho que não há nenhum drama", frisou.

A proposta de Orçamento da Madeira vai ser debatida no Parlamento Regional entre 17 e 19 de julho, sendo votada no último dia, de acordo com o calendário já aprovado por unanimidade.

No final de janeiro, na sequência de uma investigação judicial relacionada com indícios de corrupção, Albuquerque foi constituído arguido. Dias depois, o governante demitiu-se e não chegou a ser discutido e votado o Orçamento da Madeira para este ano – o primeiro do mandato iniciado após as Eleições Regionais de setembro de 2023. **DN/LUSA**

BREVES

Dois recordes do Mundo na Liga Diamante de Paris

A portuguesa Liliana Cá, que vai participar nos Jogos Olímpicos Paris2024, terminou em 6.º lugar – com uma marca de 61,93 metros – no lançamento do disco no *meeting* de Paris da Liga Diamante, que ontem viu cair dois recordes do Mundo. A ucraniana Yaroslava Mahuchikh bateu o Recorde do Mundo do salto em altura, com 2,10 metros, uma marca que pertencia à búlgara Stefka Kostadinova há quase 37 anos. Nos Mundiais de Roma, em 30 agosto de 1987, Stefka Kostadinova tinha garantido o título com 2,09 metros, recorde que durou até ao salto de Mahuchikh, que se assume como grande candidata à Medalha de Ouro em Paris2024. A atleta queniana Faith Kipyegon melhorou o seu Recorde Mundial dos 1500 metros, ao correr a distância em 3.49,04 minutos. Kipyegon, Bicampeã Olímpica e Mundial da distância, de 30 anos, melhorou em sete centésimos o anterior máximo (3.49,11 minutos), que estabelecera no ano passado, em Florença (Itália), a menos de três semanas de defender o título nos Olímpicos. O sueco Armand Duplantis tentou quebrar o Recorde do Mundo do salto com vara, mas falhou as três tentativas e ficou-se pelos 6,25 metros.

Raimundo desafia PM a defender agricultura

O secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, desafiou ontem o primeiro-ministro a ter "coragem" e "determinação" para defender, em Bruxelas, a agricultura portuguesa. "Haja coragem, haja determinação, acabe com a conversa e avance com medidas concretas para defender a agricultura", afirmou.

O secretário-geral do PCP, que discursava no palco histórico do festival de Vilar de Mouros, em Caminha, Viana do Castelo, durante um passeio das mulheres CDU disse ter achado "piada" às declarações que Luís Montenegro fez recentemente sobre o assunto.

"Esteve no norte e fez uma peitaça forte e disse que é preciso defender a agricultura. Estamos de acordo. Mais vale tarde do que nunca. Agora é preciso que as opiniões e as proclamações tenham tradução prática. É preciso ver, como o povo diz, se a bolota bate com a perdigota", referiu. Paulo Raimundo disse que vai ver na segunda-feira, "as medidas de contestação do Governo à política agrícola comum".

"É isso que afeta os agricultores", alertou, adiantando que vai estar atento "para ver como é que o Governo vai reconstituir as direções regionais de Agricultura que o Governo anterior mandou a baixo" e, "a enfrentar a ditadura da distribuição que aperta cada vez mais o preço aos produtores (...), que aperta os direitos e os salários aos seus trabalhadores".

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt